

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO/CURSO DE PEDAGOGIA**

**ALESSANDRA FIDANZA CORRÊA DA SILVA**

**O TEATRO COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO  
PARA PESSOAS COM DOWN**

**SÃO PAULO  
2019**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO/CURSO DE PEDAGOGIA**

**ALESSANDRA FIDANZA CORRÊA DA SILVA**

**O TEATRO COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO**  
**PARA PESSOAS COM DOWN**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Pedagogia, como exigência parcial para obtenção do diploma de **Pedagogo**, da Faculdade de Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Anita Viviani Martins

**SÃO PAULO**  
**2019**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Sistema de Bibliotecas e Informação

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Silva, Alessandra Fidanza Corrêa da

**O teatro como ferramenta de inclusão para pessoas com Down/**  
Alessandra Fidanza Corrêa da Silva, 2019 - 50 f.

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado à Faculdade de Educação, curso de Pedagogia, como exigência parcial para obtenção do diploma de Pedagoga, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Anita Viviani Martins

1. Acerca da Síndrome de Down. 2. O teatro como ferramenta de inclusão social. 3. Organizações voltadas à inclusão e a potencialidade do Jogo Teatral. I. Título

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO- PUC-SP

FACULDADE DE EDUCAÇÃO/ CURSO DE PEDAGOGIA

ALESSANDRA FIDANZA CORRÊA DA SILVA

**O TEATRO COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO  
PARA PESSOAS COM DOWN**

BANCA EXAMINADORA

Presidente e orientador: Prof<sup>a</sup>. Dra. \_\_\_\_\_

1º. Examinador: Prof. Dr. \_\_\_\_\_

São Paulo, de de 2019

SÃO PAULO

2019

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos meus pais, Ana Rita e Carlos Henrique, e ao meu irmão, Thiago, que muito me estimularam a chegar a esta etapa de meu percurso pessoal; aos meus amigos da ONG Morungaba, pelo primeiro contato e convivência com pessoas com deficiência, e aos meus amigos do Simbora Gente, que me incentivaram a realizar este TCC.

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Maria Anita Viviani Martins, pela ajuda em todo o processo de construção deste estudo.

À Graziela Jardim, por me acompanhar e me fortalecer desde o início do curso de Pedagogia.

À Irmgard de Matos Ferreira, a Medi, por muito contribuir para meu amadurecimento e construção da pessoa que sou hoje.

À Claudia Perrotta, por me ajudar a ganhar autonomia na escrita.

À Renata Macedo Soares, da ONG Morungaba, por me possibilitar o primeiro contato com o trabalho voluntário e com a arte-terapia.

À Fabiana Duarte, idealizadora do Simbora Gente, por me ajudar a descobrir meus talentos e superar amarras.

Ao Diego Marques, por me possibilitar ajudá-lo nas aulas de teatro ministradas em Escolas Públicas, nos projetos sociais da ONG Morungaba.

Ao Juliano Gubolin, por ser meu melhor amigo, por me apoiar sempre e ser uma pessoa carinhosa e generosa comigo.

À minha amiga Ana de Melo Dantas, por sempre estar ao meu lado nas horas tristes e felizes.

Ao Mauro Giusti Bento, por ser um profissional comprometido, pelos “puxões de orelha”, sempre abrindo meus olhos para as coisas bonitas da vida.

Ao Primo Renan, por estar sempre comigo na estrada da ONG Morungaba, me ajudando no amadurecimento do trabalho voluntário.

À prof.<sup>a</sup> Maria Stela Graciani, por ter me ajudado no amadurecimento e desenvolvimento de estudo na PUC-SP.

À prof.<sup>a</sup> dr.<sup>a</sup>. Neide de Aquino Noffs, por ler e avaliar meu trabalho.

Ao Leonardo Santana, meu namorado, por estar comigo, me apoiando sempre.

Aos entrevistados: Jussara Moreira, Leonardo Cortez e Deto Montenegro, por compartilharem suas ricas experiências com o teatro e a inclusão social.

## **RESUMO**

Este estudo teve como objetivo analisar o teatro como ferramenta de inclusão social e a sua contribuição para a vida e a formação das pessoas com Down. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, abordando os seguintes temas: história e características da Síndrome de Down, o universo das artes, em especial, o teatro como possibilidade de inclusão social. Foram também recolhidos depoimentos informais de três professores de teatro que atuam em instituições que atendem pessoas com deficiência. Foi possível concluir que o contato com o teatro possibilita que as pessoas com Down desenvolvam o princípio da alteridade, a autonomia, a sensibilidade, a consciência corporal, a expressividade, a curiosidade, a criatividade e a autoconfiança. E que, apesar do preconceito ainda prevalecer, há um grande avanço nos processos de inclusão de pessoas com Down, que já vêm ganhando espaço na sociedade, em diversas áreas profissionais.

Palavras-chave: Síndrome de Down, inclusão social, arte teatral

## **ABSTRACT**

This study aimed to analyze theater as a tool for social inclusion and its contribution to the life and formation of people with Down. That for, a bibliographical research was carried out, addressing the following themes: history and characteristics of Down Syndrome, the universe of the arts, in particular, theater as a possibility of social inclusion. Informal testimonies were also collected from three theater teachers who work in institutions that serve people with disabilities. It was possible to conclude that the contact with the theater enable people with Down to develop the principle of otherness, autonomy, sensitivity, body awareness, expressiveness, curiosity, creativity and self-confidence. And that, despite the prejudice against these people still prevail, there is a great advance in the processes of inclusion of people with Down, who have already gained space in society in various professional areas.

Key words: Down's syndrome, social inclusion, theater art

Sumário	
Apresentação .....	9
Introdução.....	11
PROBLEMA .....	13
OBJETIVO GERAL .....	13
OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	13
METODOLOGIA .....	13
CAPÍTULO 1 Acerca da Síndrome de Down .....	14
1.1 Aspectos gerais .....	14
1.2 História da inclusão das pessoas com Síndrome de Down .....	18
1.3 Habilidades socioadaptativas na SD.....	21
Capítulo 2 O TEATRO COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO SOCIAL .....	26
2.1 Breve história da origem do teatro .....	26
2.2 Potencialidade do jogo teatral: experiências voltadas a pessoas com deficiência.....	27
2.2.1 Grupo de Teatro para Atores Especiais - GTPAÊ.....	27
2.2.2 Cia Teatral Crepúsculo .....	30
Capítulo 3 ORGANIZAÇÕES VOLTADAS À INCLUSÃO E A POTENCIALIDADE DO JOGO TEATRAL .....	32
3.1 Associação de Desenvolvimento Integral de Downs - ADID.....	32
3.1.1 Depoimento informal: Leonardo Cortez, professor de teatro da ADID.....	33
3.2 Instituto Simbora Gente.....	36
3.2.1 Depoimento informal: Jussara Moreira, professora de teatro do Simbora Gente.....	39
<b>3.1 Oficina dos Menestréis</b> .....	41
3.3.1 Depoimento informal: Deto Montenegro, professor de teatro da Oficina dos Menestréis.....	42
Considerações finais .....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	48
Anexo .....	51

## **Apresentação**

O meu interesse pelo tema da inclusão surgiu de uma experiência pessoal.

Nasci com uma síndrome chamada orocraniofaciodigital com deficiências no rosto, nas mãos, e no lábio. Com isso, desde cedo sofri muito preconceito, especialmente no ambiente escolar, e tive dificuldades de lidar com as minhas limitações. Em razão de uma baixa autoestima bastante significativa, consequência do *bullying* e de uma falta de receptividade ao meu modo de ser, que fugia do padrão considerado normal, acabei tendo muitas dificuldades de aprendizagem.

Em contrapartida, no ambiente familiar, sempre fui tratada como uma pessoa normal. Meus pais se esforçavam por me incluir nos mais diversos contextos sociais, muitas vezes sem perceber o quanto isso me afetava, me levando a um estresse.

Mas algo que foi muito marcante em toda a minha trajetória de vida foi a inserção no campo cultural. Lembro-me que, na minha infância, meus pais me apresentaram aos mais diversos cantores e histórias destes, para que eu não tivesse preconceito com os ritmos musicais e fosse uma pessoa eclética.

Também por referência de meu irmão e meus avós, que são atores, tive uma experiência no curso de teatro amador do Teatro-Escola Célia Helena. Nesse espaço me senti muito acolhida e aceita; em consequência disso, recebi uma homenagem em um dos momentos mais importantes da minha vida, que foi um transplante de rim por conta da síndrome. Essa homenagem a qual mencionei foi em uma peça que falava do quanto estávamos indignados diante da situação pela qual o Brasil passava, e fui escolhida para representar o sentimento de esperança. Foi mesmo uma experiência muito importante que me ajudou a me reposicionar nos vários grupos sociais; mesmo assim, continuei a ser muito excluída em diversos contextos.

De toda a forma, o que vivi no teatro, durante sete anos, me impulsionou para a busca de outras ações. Foi nesse momento que descobri a ONG Morungaba, que é voltada para o atendimento de pessoas com necessidades específicas, e comecei a fazer trabalho voluntário, atuando como estagiária de oficinas lúdicas, como dança, artes plásticas e principalmente o teatro.

Por conta de o projeto ter um público-alvo mais carente, descobri que queria ser aluna universitária de pedagogia.

Alguns anos depois, fui apresentada por uma amiga ao projeto “Simbora Gente”, cujo objetivo é trabalhar a inclusão de pessoas com necessidades específicas, como pessoas com Down, deficiência intelectual e autismo, e trabalhar também a vulnerabilidade social.

No início, frequentava o projeto, que também é voltado ao lazer, o que possibilitou mais tarde que eu fizesse um estágio no espaço terapêutico que atualmente se chama Instituto Simbora. Hoje, sou mediadora de um de seus grupos e sou convidada como representante do projeto a dar palestras, para compartilhar como foi meu processo de superação depois de participar do projeto.

Busco então, neste estudo, apresentar e discutir o teatro como ferramenta de inclusão, a partir de minha experiência com ações nesse campo.

## Introdução

A sociedade e a arte surgiram com os primórdios da humanidade e ambas têm sua origem na relação do homem com o seu ambiente natural. A pintura rupestre foi um dos primeiros registros de acontecimentos cotidianos e meio de comunicação dos homens da época; e a vida em sociedade sempre foi uma necessidade natural humana de sobrevivência.

Segundo Read (1968), “elas [pinturas rupestres] podem ter tido uma função mágica ou religiosa e, como tais, estavam intimamente ligadas à estrutura social da época” (1968, p. 22). Novamente citando Read, “por toda a longa perspectiva da história, é impossível conceber uma sociedade sem arte, ou uma arte sem significado social” (1968, p. 22). Nesse sentido, a arte e a sociedade se complementam, pois uma influencia a outra e ambas se relacionam com/ao homem.

Ainda se tratando do contexto histórico, com a chegada da época moderna, a sociedade se tornou insensível à arte, por conta da era da industrialização, do aumento da população mundial e das mudanças de sistemas políticos e econômicos, não havendo espaço para as artes (como ainda temos hoje essa realidade). As pessoas passaram a se preocupar mais com o dinheiro e o *status* social relacionado às profissões renomadas como a Medicina ou o Direito; dessa maneira, a concepção sobre os artistas se distanciou da Arte, passando eles a serem sinônimos de boemia e de falta de responsabilidade social, pois seus ofícios não eram vistos como profissão nem como algo que gerasse renda.

Nesse raciocínio, o trabalho da arte realizado com pessoas com necessidades específicas, fonte e objeto de nosso estudo acadêmico, apresenta uma proposta diferenciada e humanizada.

As ações que guiam o tema deste trabalho buscam, por meio da educação, das artes e do respeito às diferenças, a valorização e o desenvolvimento das pessoas, possibilitando que encontrem o seu papel, a sua responsabilidade e o seu caminho na sociedade. Segundo Bosi (1991, p. 13):

A arte é um fazer. A arte é um conjunto de atos pelos quais se muda a forma, se **transforma** a matéria oferecida pela natureza e pela cultura. Nesse sentido, qualquer atividade humana, desde que conduzida regularmente a um fim, pode chamar-se artística (grifo do autor).

Com base no pensamento acima, compreendemos que a arte é essencial na vida do ser humano, uma vez que o contato com ela desenvolve as suas sensações e

sensibilidades: o ver, o tocar, o ouvir, o falar e o manusear; refinamentos sensíveis utilizados pelo homem na conquista da natureza, da sociedade e do mundo. Como acrescenta Read (1968, p. 27).

Se todos os refinamentos da sensação que se desenvolveram historicamente na conquista da natureza e na manipulação das substâncias materiais não forem aperfeiçoados e educados desde o nascimento até a maturidade, o resultado é um ser que mal merece ser chamado de humano: um autômato de olhos lânguidos, entediado e indiferente, cujo único desejo é a violência numa forma ou noutra – ação violenta, sons violentos, quaisquer tipos de distrações que possam penetrá-lo até seus nervos amortecidos.

Nesse sentido, a arte é o caminho que leva o homem ao encontro de si mesmo; ela é o canal para o ser humano se libertar das suas amarras emocionais, psíquicas, cognitivas e sociais, permitindo-o alcançar níveis grandiosos de desenvolvimento pessoal, fortalecendo-o e o possibilitando ser e se incluir socialmente.

Em se tratando disso, este estudo tem como objetivo contribuir com o trabalho dos educadores, principalmente àqueles voltados para pessoas com Down, utilizando o teatro como ferramenta, de modo que a sociedade se torne mais inclusiva e pense em formas de o campo cultural possibilitar o enfrentamento do preconceito e do estigma de que essas pessoas são alvos.

O teatro é um meio importante que traz benefícios para as pessoas, como a perda da timidez, a compreensão do coletivo, a possibilidade de lidarem com situações vividas e novas que exigem o improviso, sendo, também, um exercício de cidadania. Como já falamos, a arte é pouco valorizada em nossa sociedade e nas escolas e, por isso, os educadores não possuem incentivo nem formação adequada e continuada para realizarem trabalhos diferenciados. Nesse sentido, esta pesquisa poderá ser uma referência de uma nova maneira de realizar uma formação educativa, humana e inclusiva, pois a arte é fundamental para o desenvolvimento humano e estimula conceitos e princípios pedagógicos. De acordo com Read (1968, p. 23), “somente na medida em que uma sociedade é tornada sensível pelas artes é que as ideias se lhe tornam acessíveis”.

Pensamos que o contato com o teatro pode facilitar que as pessoas com Down desenvolvam o princípio da alteridade, a autonomia, a sensibilidade, a consciência corporal, a expressividade, a curiosidade, a criatividade e a autoconfiança. Desse modo, o teatro é, a cada contato, “uma aventura nova, uma experiência completa que

proporciona alguma coisa que de nenhuma outra maneira se obteria” (KNELLER, 1978, p. 111).

Enfim, a arte e a educação, unidas, traçam o caminho do homem para se transformar e se inserir na sociedade, acumulando experiências, adquirindo conhecimentos e segurança para explorar o mundo e o seu universo.

Propomos então discutir neste trabalho a importância do teatro para a inclusão de pessoas com Down e apresentar institutos e ONGs voltadas a esse grupo e que usam essa forma de arte, o teatro, trabalhando com uma filosofia democrática.

## PROBLEMA

O trabalho desenvolvido por ONGs e Institutos voltados a pessoas com Down, e tendo o Teatro como foco, contribui à educação social inclusiva e ao desenvolvimento humano desse grupo?

## OBJETIVO GERAL

Analisar o teatro como ferramenta de inclusão social e a sua contribuição para a vida e a formação das pessoas com Down.

## OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Dar enfoque ao trabalho de pessoas com Down e a especialidade “Teatro”;
- Tratar da importância da arte teatral como ferramenta para o desenvolvimento dos participantes das ações, da linguagem, da expressão, da autonomia, da sensibilidade e da criatividade.

## METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, em que buscamos estudos que abordam as características de pessoas com Síndrome de Down (SD) e que relatam experiências teatrais voltadas a esse grupo. Para tanto, investigamos em livros e sites acadêmicos as seguintes palavras-chave e termos: características da SD, história da SD, teatro como ferramenta de inclusão, teatro para pessoas com Down.

Como forma de complementação desses dados, foram recolhidos depoimentos informais de três professores da área teatral que são envolvidos com a inclusão social de pessoas com deficiência e trabalham em instituições que atendem esse público. Os três

assinaram o termo de consentimento (no anexo) e permitiram que seus nomes fossem registrados no estudo.

## **CAPÍTULO 1 Acerca da Síndrome de Down**

### **1.1 Aspectos gerais**

A Síndrome de Down não é considerada uma doença, e sim uma condição da pessoa associada a algumas características, presentes desde o nascimento.

Segundo Solomon (2013), a Síndrome de Down é uma consequência de uma triplicação do cromossomo 21, sendo a forma mais comum de deficiência mental e levando comumente a aborto espontâneo ou natimortos. A pessoa costuma apresentar problemas cardíacos, frouxidão das articulações, distúrbios da tireoide, malformação do trato digestivo, leucemia, início precoce de Alzheimer, doença celíaca, baixa estatura, obesidade, problemas de audição e visão, infertilidade, deficiências imunológicas, epilepsia, boca pequena e língua saliente. Além disso, o tônus muscular é baixo, afetando o desenvolvimento da mobilidade, da coordenação, como também da fala. A maioria das áreas cerebrais encontra-se diminuída, há comprometimento na mielinização, maior risco de distúrbios de comportamento e quadros de ansiedade, depressão e autismo. Ainda segundo o autor, as taxas de câncer entre as pessoas com Síndrome de Down são muito baixas.

Importante destacar que apenas a deficiência intelectual ocorre em todos os casos dessa síndrome, enquanto os outros sintomas só em 40% deles. Além disso, não existem responsabilidades e nem culpados para gerar a Síndrome de Down; ou seja, não há qualquer relação com o comportamento dos pais na concepção ou na gestação do bebê, e nem há como evitá-la. Em relação às formas de detectá-la, o exame pré-natal mais utilizado é a amniocentese, que possibilita analisar células fetais para detectar vários problemas genéticos. Mas há também outros exames como o ultrassom, que tem se tornado cada vez mais sofisticado. Porém é importante lembrar que nenhuma técnica consegue determinar a gravidade de possíveis deficiências sejam elas mentais ou físicas (SOLOMON, 2013).

No que se refere à incidência de casos no Brasil, há cerca de 270 mil pessoas com a síndrome, segundo dados do Ministério da Saúde, de acordo com o Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>1</sup>. Entretanto, é fato que ainda há muitas dificuldades por parte da população geral em aceitar, incluir e socializar com aqueles que fogem do padrão.

Pelo fato de terem um cromossomo a mais, as pessoas com a síndrome trazem características semelhantes entre si, como cabelos lisos e olhos puxados. Estima-se que a síndrome ocorra em cerca de um a cada 700 nascimentos, sendo a ocorrência genética mais comum existente. Importante destacar que a Síndrome de Down não tem nenhuma relação com raça, país, religião ou condição econômica familiar e ocorre independentemente desses fatores.

Há maior possibilidade de a pessoa ser suscetível a doenças, assim, os cuidados básicos são necessários, bem como atendimentos na área de reabilitação como fonoaudiologia, terapia ocupacional e fisioterapia.

Porém, mesmo com a síndrome, a pessoa pode desenvolver várias capacidades e ganhar realização e autonomia, podendo ter uma vida normal como qualquer outra criança, jovem ou adulto. Por isso, é preciso vencer o estigma de doença da Síndrome de Down, e passar a entendê-la como uma condição que atribui à criança algumas características diferentes, exigindo dos pais atenção diferenciada, desde o nascimento da criança.

Segundo Moreira, El-Hanib e Gusmão (2000)<sup>2</sup>, ainda que o desequilíbrio cromossômico seja característico da síndrome de Down, vários estudos questionam a relevância do determinismo genético a partir da observação do potencial de desenvolvimento cognitivo em indivíduos afetados pela síndrome, quando são aplicados programas de estimulação neuromotora e psicopedagógicos. Afirmam que, na perspectiva da neurobiologia, a base química da deficiência mental na síndrome de Down pode estar na disfunção de um sistema organizado para o equilíbrio da função mental, que requer: monocarbonetos, responsáveis pela síntese de mediadores químicos, inativação e metilação; purinas e pirimidinas, que fazem a manutenção do DNA e RNA, e tubulina e bioterina para a hidroxilação aromática dos mediadores dessa organização.

---

<sup>1</sup>Disponível em <http://visaodovale.com.br/brasil-tem-mais-de-270-mil-pessoas-com-sindrome-de-down/> Acessado em maio de 2018.

<sup>2</sup> Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v22n2/a11v22n2.pdf> Acessado em 18.10.18

Os autores advertem que esse sistema apresenta plasticidade na interação com o meio ambiente, podendo levar a processos de superação e adaptação.

Considerando essa plasticidade, o Comitê da Organização Mundial da Saúde destaca a importância dos procedimentos de intervenção precoce no desenvolvimento da criança com síndrome de Down e outras deficiências.

Moreira, El-Hanib e Gusmão (2000) ainda citam vários estudos que comprovam essa tese. Dois deles, De Ludlow e Allen (1979) e Coriat et al. (1968 apud MOREIRA, EL-HANIB e GUSMÃO, 2000), investigaram o efeito da estimulação psicomotora sobre o QI de crianças com síndrome de Down, comparando-as a grupos controle com a mesma síndrome e evolução espontânea, sendo que ambos usaram a mesma metodologia. Os resultados indicaram diferenças significativas entre os dois grupos estudados, sendo nítido que o desenvolvimento das crianças estimuladas foi melhor: verificaram QI médio de 82,7 no grupo estimulado e 66,4 nos controles. Além disso, a integração na pré-escola foi mais tranquila para as crianças estimuladas, sendo que 40% delas conseguiram acompanhar escolas regulares nos cinco anos posteriores.

Ainda no artigo de Moreira, El-Hanib e Gusmão (2000), destaca-se que a psicopedagogia busca estimular na pessoa com deficiência mental o desenvolvimento da consciência metacognitiva, “isto é, o conhecimento pela pessoa do funcionamento de seu pensamento e a utilização desse conhecimento para controlar seus processos mentais” (p. 98). Essa habilidade pode contribuir para a adaptação e autonomia desses sujeitos.

Além disso, o desenvolvimento cognitivo decorre da interação da criança com o ambiente “e da experiência de aprendizagem mediada, proporcionada por pessoa próxima, que leva a criança a processar conhecimentos significativos para o seu crescimento intelectual” (MOREIRA, EL-HANIB E GUSMÃO, 2000, p.98). Trata-se de uma ideia que se aproxima das concepções de Vygotsky, segundo o qual “o ambiente sociocultural intermedia a aprendizagem da criança.” (MOREIRA, EL-HANIB E GUSMÃO, 2000, p. 98)

Os estudos referidos nessa seção permitem elaborar a hipótese de que, por meio da experiência ativa obtida por estimulação, pode ser construído um novo padrão de comportamento em pessoas com síndrome de Down, levando a modificações funcionais. Na exata medida em que evidencia a plasticidade fenotípica dos afetados, o sucesso das intervenções psicomotoras e pedagógicas na síndrome de Down mostra como não se pode afirmar que o conjunto fenotípico dessa síndrome seja determinado geneticamente, a despeito de não haver qualquer dúvida quanto ao papel crítico da trissomia da banda

cromossômica 21q22 em sua história natural (MOREIRA, EL-HANIB E GUSMÃO, 2000, p. 98).

Fica claro, então, que as dificuldades dos indivíduos com SD, geradas por componentes orgânicos, não são definitivas e nem deveriam ser vistas como determinantes do seu nível de funcionamento no meio em que estão inseridos. Na verdade, esses indivíduos “não correspondem às expectativas sociais normativas, e por isso são considerados desviantes do grupo dominante e as suas diferenças são interpretadas como deficiências” (FERREIRA, BORGES e SILVA, 2007, p. 1)<sup>3</sup>.

Isso gera um tratamento de descrédito e exclusão nas relações cotidianas, levando a sentimentos de inferioridade, impotência e dependência. Afirma Omote (1999 apud FERREIRA, BORGES e SILVA, 2007) que é comum o próprio indivíduo deficiente incorporar o papel de desviante. Também contribui para essa situação a desinformação acerca das reais capacidades das pessoas com deficiência mental e a escassez de ações políticas, sociais e educacionais a elas destinadas:

(...) sem informações apropriadas, a concepção da deficiência mental afasta-se da realidade que tal condição representa; sem adequação nesta concepção, a percepção sobre os indivíduos com deficiência mental torna-se a menos fidedigna; por conseguinte, descrédito social gerado pela forma equivocada de conceber a deficiência mental e a forma inapropriada de perceber essas pessoas produzem uma baixa expectativa concernente ao seu potencial, resultando em que pouco ou nada é feito para que se contrarie tal previsão (FERREIRA, BORGES E SILVA, 2007, p. 2).

É preciso então revermos tanto a concepção como a percepção da deficiência mental, de modo que os indivíduos com essa condição possam: “expressar e vivenciar em plenitude o potencial que cada um traz dentro de si” (idem). No geral, temos necessidade de nos proteger do desconhecido, que desestabiliza nossos valores e crenças; por isso, buscamos criar categorias e classificações, atribuindo posições e papéis ao outro e a nós mesmos. Vamos assim tentando buscar um equilíbrio que nos permite nos percebermos distantes desse outro que não corresponde às expectativas sociais positivas. Assim, diante de indivíduos que não se enquadram em nossa

---

<sup>3</sup> Disponível em <http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2007/29.pdf> Acessado em dezembro de 2018.

representação de normalidade, há uma ruptura na interação social: não sabemos como agir, pois uma pessoa que não corresponde ao normal ameaça a nossa estabilidade social, gerando mecanismos de defesa. “Pode aparecer o ataque por meio de ações hostis, ou a fuga mediante a rejeição, abandono, afastamento, negação ou superproteção do deficiente” (FERREIRA, BORGES e SILVA, 2007, p. 3). Tudo isso produz preconceitos e marginalização, limitando ainda mais o desenvolvimento do potencial da pessoa com deficiência, dificultando o processo de sua inclusão na sociedade.

## **1.2 História da inclusão das pessoas com Síndrome de Down**

Várias foram as visões sobre deficiência que imperaram no decorrer da história. Segundo Cordeiro et al. (2007), na perspectiva médica, a deficiência era vista como o resultado de elementos ou características patogênicas orgânicas, o que significava conceber sua origem como estando na própria pessoa, localizando-se em seu corpo ou em seus comportamentos.

Porém, tal perspectiva impede a compreensão real desse fenômeno, que é muito mais complexo e socialmente construído.

As condições orgânicas patológicas realmente podem gerar incapacidades, mas não são essas que determinam o nível de funcionamento do deficiente. Nenhuma diferença individual pode ser considerada deficiência por si só. É o grupo social à sua volta que, a partir de determinados critérios ou padrões, elege alguma característica ou limitação como dotada de um caráter de desvantagem (CORDEIRO et al., 2007, p. 149)<sup>4</sup>.

Foi no início do século XIX que surgiu a ideia de que pessoas com deficiências, então chamadas de “idiotas”, eram passíveis de melhora, podendo se submeter a tratamentos precoces, em instituições voltadas a delas cuidar e educar (SOLOMON, 2013).

Porém, muitos argumentavam que pessoas com deficiência na área cognitiva, além de burros, eram também maldosos e depravados. Inclusive em 1848, segundo Solomon (2013, p.216) foi produzido um relatório para a Legislatura de Massachusetts, que caracterizava essas pessoas como fardos: “são pesos mortos para a prosperidade material do Estado. Elas são ainda piores do que inúteis”.

---

<sup>4</sup> Disponível em [file:///C:/Users/Claudia/Downloads/Dialnet-DeficienciaETeatro-6156066%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Claudia/Downloads/Dialnet-DeficienciaETeatro-6156066%20(2).pdf)  
Acessado em 13.11.18.

Foi nesse contexto que em, 1866, John Langdon Down descreveu a síndrome que até hoje leva seu nome, chamando seus objetos de estudo de mongoloides ou de idiotas mongoloides. Isso porque tinham olhos oblíquos semelhantes ao povo da Mongólia. Na ocasião, vários documentos médicos apontavam como identificar alguém como “idiota”, “imbecil” ou “débil mental”. Causa mais indignação o fato de que a metodologia que visava melhorar o patrimônio genético de grupos humanos, conhecida como eugenia, buscava fazer uma absurda ligação entre retardo mental e criminalidade.

O termo “mongóis”, chamado para caracterizar os objetos de estudos por Down, só foi questionada em 1930 por um médico britânico de nome Lionel Penrose – ele provou através de exames de sangue que pessoas brancas com a síndrome eram semelhantes geneticamente a outras pessoas brancas e não a asiáticas.

Por fim em 1958, um geneticista provou que a síndrome de Down era na verdade uma consequência da triplicação do cromossomo 21, sendo seu nome científico: “trissomia 21”.

Naquela época, os pais escondiam os filhos com medo de prejudicar suas reputações. Porém, não era só o preconceito contra essas pessoas que se fazia presente; também existia um movimento para ajudá-las, através de tratamentos e de educação.

No âmbito da educação, houve uma mudança significativa, pois, já no início do século XIX, a educação inicial deixou de ser de responsabilidade unicamente das mães, sendo então fundados os primeiros jardins de infância, que contavam com especialistas. Isso foi intensificado quando as mães tiveram de entrar no mercado de trabalho, como também com as tentativas de se reduzir a mortalidade infantil. Surgiu então uma nova ciência em oposição à eugenia – trata-se do behaviorismo, segundo o qual as pessoas podem ser educadas e moldadas para qualquer atividade. Também estava em desenvolvimento a psicanálise, que pesquisava a interferência do trauma precoce no desenvolvimento saudável, argumentando que os problemas das pessoas com deficiência e dos pobres poderiam ser consequência de privações no início da vida e não de um problema orgânico:

Os pesquisadores logo começaram a examinar como o ambiente estimulante e enriquecedor possibilitava que crianças pobres transcendessem seus aparentes déficits. John Bowlby, o pai da teoria do apego, demonstrou que o bom cuidado materno era crucial para o desenvolvimento da criança saudável, uma ideia tão óbvia hoje que é difícil lembrar como era radical há meros sessenta anos (SOLOMON, 2013, p. 219).

Ainda segundo Solomon (2013), a quantidade de combatentes com deficiência no final da Segunda Guerra Mundial amenizou o preconceito contra pessoas com deficiência em geral, levando inclusive a melhoria de programas de educação voltados a esse público. Porém, essas crianças permaneciam segregadas socialmente.

Foi a mãe de uma criança com síndrome de Down que teve uma iniciativa interessante: em 1949, ela publicou anúncios no New York Post a procura de outros pais que compartilhassem suas preocupações; eles fundaram uma associação para crianças retardadas que ainda hoje tem sua importância na área. Esses pais militavam a favor da ideia de que, apesar de suas crianças possuírem uma anomalia genética, havia muito trabalho a ser feito a favor delas.

O autor relata que em 1962, a irmã do presidente dos Estados Unidos, na época John Kennedy, criou um grupo para estudar *a deficiência intelectual*.

Nessa pesquisa, ela descobriu que todos os pais e mães eram passíveis de gerar filhos com deficiência. E que inclusive, naquela época as famílias eram provindas de condições precárias de vidas.

Em 1965, um programa descobriu que as pessoas com deficiência viviam na pobreza não só por ter nascido com deficiência, mas não ter recebido estímulo. Havia uma parceria entre esse programa e os pais dessas crianças para ajudá-los a lidar com seus filhos.

Ainda na década de 1960, se comprovou que principalmente as pessoas com Down traziam capacidades que deveriam ser potencializadas “e que era absurdo prever as capacidades de um recém-nascido simplesmente a partir de seu diagnóstico” (SOLOMON, 2013, p. 220). Disso se conclui o quanto seria injusto descartar essas pessoas ao nascer e que o melhor seria intervir precocemente

No contexto dos Estados Unidos, foram sendo criados programas e leis para garantir proteção e estimulação a essas pessoas com deficiência, mudando as ideias sobre a humanidade e “validando vidas consideradas desprezíveis durante muito tempo. Se as minorias raciais e os pobres mereciam apoio e respeito o mesmo se aplicava às pessoas com síndrome de Down e problemas relacionados” (SOLOMON, 2013, p. 220).

Ainda segundo o autor, a mudança no tratamento das pessoas com síndrome de Down ocorreu nos Estados Unidos, sendo impulsionada principalmente pelos pais, que exigiram dos médicos um tratamento aos seus filhos tão eficiente e respeitoso ao que dedicavam às crianças sem deficiência. Nesse sentido, a intervenção precoce possibilitou aumento da expectativa de vida para essas pessoas: “onde a ciência e a cura

biológica ficaram paralisadas, o modelo social da deficiência conseguiu um triunfo fantástico”. (idem p. 221)

Muitas técnicas específicas são de valor inestimável no tratamento de necessidades específicas, mas o fundamental é que as crianças deficientes<sup>5</sup>, assim como as crianças sem deficiência, prosperam quando são tratadas com atenção, engajamento, estímulo e esperança (SOLOMON, 2013, p.221).

Cordeiro et al. (2007) advertem, porém, que, pelo fato de o ambiente social de pessoas com deficiência ser restrito à família e a outras pessoas na mesma condição acabam tendo poucas oportunidades de desenvolver diferentes habilidades, poucas experiências que levem a descoberta de seus interesses e “a construção e expressão de sua subjetividade e cidadania”.

Portanto, tratamentos especializados podem levar ainda mais à segregação e à estigmatização, pois são ressaltadas as diferenças entre os deficientes e os não deficientes, e destacadas as semelhanças entre as pessoas com deficiência, o que sufoca sua singularidade e generaliza-os em uma só categoria: “os deficientes” (p. 150).

Ainda segundo os autores, tal limitação pode gerar problemas para esses indivíduos no que se refere à construção de suas identidades. As expectativas existentes sobre seu desempenho e interpretações acerca de suas características e comportamentos são relacionados ao descrédito social, de modo que esses indivíduos também acabam por criar expectativas despotencializadas sobre si (SAETA, 1999, apud CORDEIRO et al. (2007). Como consequência, a autoestima se torna rebaixada e gerando sentimentos de inferioridade, impotência e dependência.

### **1.3 Habilidades socioadaptativas na SD**

Diferentemente do que muitos pensam, não existem graus da síndrome de Down. Segundo o Movimento Down, mesmo que existam semelhanças entre as pessoas com a síndrome, elas também apresentam diferenças, tanto na área física como na mental, determinadas pela estimulação que recebem no decorrer da vida, por fatores clínicos e genéticos. Assim, o exame de cariótipo não define o atraso de desenvolvimento nem o equivocadamente chamado “grau” da síndrome.

O que se considera atualmente em relação à pessoa com Down são as chamadas habilidades socioadaptativas. Trata-se, segundo Gomes-Machado e Chiari (2009, p.

---

<sup>5</sup> O autor usa, no livro, o termo deficiente, que hoje, não tem sido mais usado, sendo substituído por pessoa com deficiência, termo este que adoto neste estudo por ser considerado mais adequado.

654)<sup>6</sup>: “do modo pelo qual o indivíduo enfrenta as exigências comuns da vida e o grau em que satisfaz os critérios de independência pessoal esperados para seu grupo etário”.

Tais habilidades consistem em aspectos essenciais para a manutenção da saúde, qualidade de vida e organização dos processos psíquicos, contribuindo sobremaneira para a inclusão social. Assim, não obstante a observação do desempenho intelectual, o diagnóstico considera as habilidades de comunicação, autocuidado, vida doméstica, habilidades sociais, uso de recursos comunitários, autossuficiência, habilidades acadêmicas, trabalho e lazer (LUCKASSON e col., 1992, apud GOMES-MACHADO E CHIARI, 2009, p. 654).

As áreas adaptativas e suas características são as seguintes:

**Comunicação:** compreender e exprimir informação mediante comportamento simbólico (falado, escrito, símbolos gráficos, desenhos) ou não simbólicos (mímica, gestos, movimento do corpo, tato).

**Cuidado próprio:** comer, se vestir e se assear.

**Vida no lar:** lavar a roupa, limpar e arrumar a casa, fazer comidas, planejar compras, manter o horário (entrecruza-se com as habilidades sociais, comunicativas e acadêmico-funcionais)

**Habilidades sociais:** diferenciação entre condutas sociais adequadas (identificar-se, apresentar-se, conversar, esperar sua vez, compartilhar, colaborar, alimentar-se em lugar público) e inadequadas (egoísmo, brigas, ciúmes, falta de intimidade na atividade sexual, procurar asseguração constante, desconsiderar o contexto).

**Uso da comunidade:** utilização de meios de transporte, localização das diferentes lojas, participação adequada nos lugares públicos de reunião (espetáculos, clubes, atividades religiosas).

**Autodeterminação:** escolher entre alternativas, propor e manter interesses e gostos próprios, reconhecer as limitações e pedir ajuda apropriada, resolver imprevistos.

**Saúde e segurança:** manter uma dieta adequada, identificar partes e padecimentos corporais, reconhecer as regras de segurança na rua e no lar, cultivar hábitos de cuidado do corpo, identificando perigos potenciais (físicos ou sociais, como condutas criminosas).

---

<sup>6</sup> Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v18n4/09.pdf>. Acessado em 25.09.18

**Uso do tempo livre:** escolher atividades que expressem os interesses, as preferências, a idade e as normas culturais, para a utilização prazerosa do ócio, com a possibilidade de estruturar o lazer com autonomia.

Também para Caballo (1996 apud FERREIRA, BORGES e SILVA 2007)<sup>7</sup>, as habilidades sociais são um elemento essencial para o desenvolvimento das relações interpessoais.

Outros estudiosos, Del Prette, A. e Del Prette, Z.A.P (2001, apud FERREIRA, BORGES e SILVA, 2007), discutem que a falta dessas habilidades tem como consequência uma limitação das interações sociais, que se tornam conflituosas, o que influencia negativamente o grupo e a saúde psicológica do indivíduo. Os autores acrescentam ainda outros tipos de habilidades, como de civilidade, de assertividade, de empatia, de trabalho e de expressão de sentimento positivo. Conclui então que pessoas com deficiência mental não podem ficar isoladas da sociedade porque isso impediria a inclusão como também de interagirem socialmente (FERREIRA, BORGES e SILVA 2007, p.3).

Isso me faz lembrar o filme alemão “O enigma de Kaspar Hauser”. Dirigido por Werner Herzog (1974), baseia-se na história real de um jovem chamado Kaspar Hauser, que viveu isolado da sociedade em um cativeiro e, por causa disso, não consegue ter nenhuma interação com as outras pessoas, tornando-se selvagem e vítima de exclusão. Quando ele é solto, acaba tornando-se uma atração popular em um circo que explora o fato de ele não ter nenhuma habilidade social. Depois, é adotado por uma família, mas, mesmo assim, continua a ser violentado sem ser considerado em sua diferença e sem ser incluído socialmente.

Sentindo-se num mundo estranho, Kaspar vai aprendendo a falar, mas ainda não consegue compreender o mundo. Essa compreensão de mundo só é possível se o desenvolvimento da criança for mediado por outro, fazendo com que ele passe da condição de ser biológico para um ser cultural (VYGOTSKY, 1995). Para que a criança chegue a um ser cultural, ela deve ter acesso aos bens culturais, materiais e espirituais, necessários para a existência humana. (SACHETE E BRISOLARA, 2013, p.117)<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Disponível em <http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2007/29.pdf> Acessado em dezembro de 2018.

<sup>8</sup> Disponível em <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/viewFile/4180/3212> Acessado em fevereiro de 2019.

Voltando à questão da SD, podemos dizer, mais uma vez, que sua funcionalidade não está geneticamente determinada. Sendo assim, abre-se a possibilidade de alcançarmos significativa melhora no funcionamento global da pessoa com SD a partir de intervenções psicomotoras, pedagógicas e culturais. Nesse sentido, a família tem um papel fundamental no desenvolvimento psicossocial. Não há dúvidas de que os primeiros vínculos constituem a base das relações intrapessoal e interpessoal.

São as atitudes da família em relação à criança que fornecerão a esta referências comportamentais. Se, por um lado, a família pode constituir o primeiro núcleo de motivação socializante do indivíduo com SD, por outro também pode inibi-lo e reproduzir sua condição deficiente (GOMES-MACHADO E CHIARI, 2009, p. 657).

As autoras destacam que ver o deficiente como eterno dependente, necessitado de cuidados especiais o impossibilita de realizar atividades que lhe deem prazer e ainda citam estudos que concluíram “que pais de crianças com SD tendem a estabelecer padrões interativos pouco estimulantes, procurando compensar a defasagem da criança por meio de posturas superprotetoras, que vão muito além das reais necessidades de seus filhos” (PEREIRA-SILVA E DESSEN, 2005 apud GOMES-MACHADO E CHIARI, 2009, p.657).

Ainda segundo as autoras, crianças com SD em idade escolar podem desenvolver competências para resolver problemas cotidianos desde que tenham um ambiente familiar e escolar acolhedor e estimulador das funções cognitivas. Já quando os familiares não parecem ter uma visão de futuro positiva para seus filhos com deficiência intelectual, estes acabam tendo muitas dificuldades desde a infância, para mostrar autonomia em suas atividades de rotina.

Isso me faz lembrar do filme “O filho eterno”, que aborda o nascimento de uma criança com Down, no começo dos anos de 1980, quando ainda não havia recursos para lidar com essa questão. Baseado no livro homônimo de Cristóvão Tezza, trata-se de um pai, chamado Roberto (interpretado por Marcos Veras), que não sabe lidar com a síndrome do filho, Fabricio, e isso acaba desencadeando uma crise em sua família. Várias são as situações que mostram as dificuldades enfrentadas diante de uma criança diferente. Logo no início, quando quer saber sobre o diagnóstico do filho, Roberto pergunta ao médico se não tem jeito para “consertá-lo”, o que causa desconforto na mãe do menino (a atriz Débora Falabela). O preconceito contra o próprio filho continua enfaticamente quando um amigo de Roberto, em meio a uma conversa, começa a ridicularizá-lo falando que nem conseguiu fazer um filho corretamente.

Outra cena marcante acontece quando ele começa a pesquisar sobre a síndrome e fica aliviado quando descobre que a expectativa de vida de quem a tem é baixa. Mais adiante, fica clara a dificuldade de conviver com o diferente: na festa de aniversário de Fabricio, nenhum de seus colegas de escola aparece. Não demora muito e a coordenadora avisa aos pais que não tem infraestrutura para receber o menino. Entre os pais, há também diferenças na forma de lidar com a educação e com as dificuldades de Fabrício: enquanto o pai tende a super estimulá-lo negando suas limitações, a mãe tende a superprotegê-lo.

Ocorre então uma transformação de Roberto no sentido de aceitação do próprio filho e compaixão. Até que, na última cena, ele comete um deslize em relação à função de pai, perdendo o menino, e quando finalmente volta a encontrá-lo, chora aos prantos, chamando-o pela primeira vez de “meu filho”.

No que se refere à inclusão no mercado de trabalho, tema abordado por Gomes-Machado e Chiari (2009) no estudo, muitos fatores precisam ser levados em conta, tais como: processos segregativos, preparação da empresa, dinâmica familiar, além da capacitação profissional: “Pessoas com SD enfrentam muitas adversidades ao longo da vida, incluindo questões relacionadas à saúde, à aprendizagem escolar, a preconceitos e à inclusão profissional” (p. 657), sendo que um dos maiores obstáculos que encontram relaciona-se à negação da identidade adulta por parte das famílias e também dos profissionais que atendem essas pessoas. Por isso, a necessidade de ampliar políticas públicas voltadas à inclusão.

Penso que uma possibilidade de ação reside na arte, como vimos na introdução. E o teatro, por sua origem, é uma das ações possíveis no sentido da inclusão.

## Capítulo 2 O TEATRO COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO SOCIAL

Não há dúvidas de que pessoas com SD podem usar a arte, e especificamente o teatro, para se comunicar. Trata-se, segundo Cordeiro et al. (2007, p. 152) de “um importante instrumento para a construção de uma sociedade mais inclusiva”, pois essas pessoas podem “trabalhar os seus sentimentos em relação à sociedade, que, na maioria das vezes, as discriminam ou as segregam devido aos preconceitos e ao estigma”. O trabalho com arte tem a capacidade de transformá-las em um ser humano engajado na sociedade como cidadã ou cidadão, ganhando uma autoestima e uma função determinada socialmente, podendo incentivar as potencialidades ou capacidades que ainda não foram exploradas dessas pessoas, pois a arte é capaz de desenvolver imaginação, criatividade e habilidades. Também por ela pode-se desenvolver no indivíduo com deficiência a expressão de suas emoções, contribuindo, assim, para sua singularidade e para sua inserção social, diminuindo a vulnerabilidade e ofertando ferramentas para enfrentar estereótipos e preconceitos de que são vítimas.

A arte permite a eles demonstrar que, apesar de suas limitações, possuem habilidades, sentimentos, desejos e opiniões, como qualquer outra pessoa, ou seja, a arte capacita o homem a compreender a realidade e ajuda-o não só a suportá-la como também a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana e mais hospitaleira para a humanidade (CORDEIRO et al., 2007, p. 152).

A seguir, apresentamos uma breve história do teatro, para, em seguida, abordar aspectos que o teatro contribui para desenvolver nas pessoas, em especial as que possuem SD.

### 2.1 Breve história da origem do teatro

O teatro se originou no século VI a.C., na Grécia, nas festas dionisíacas realizadas em homenagem ao deus Dioniso, deus do vinho, do teatro e da fertilidade. Os rituais sagrados, as procissões e recitais duravam vários dias e aconteciam uma vez por ano na primavera, quando ocorria a colheita do vinho na região. Certa vez, um participante desse ritual sagrado vestiu uma máscara com cachos de uvas, subiu no tablado em praça pública e exclamou: “Eu sou Dioniso!”. Todos ficaram espantados com a coragem de o homem fingir ser um deus, que até então era visto como um ser intocável. Este homem chamava-se Téspis, sendo então o primeiro ator da história do teatro, arriscando transformar o sagrado em profano, a verdade em faz-de-conta, o ritual

em teatro, e pela primeira vez, mostrando que poderíamos representar o outro, o que marcou o início da ação dramática<sup>9</sup>.

Ou seja, o jogo teatral vincula-se, desde o início, a rituais mágicos e religiosos primitivos:

Representando deuses, os homens fazem as divindades descerem ao mundo material, corporificando-as e tornando-as visíveis e acessíveis a seus anseios, medos, necessidades e perplexidades; organizando rituais religiosos, os homens organizam festas, nas quais as sociedades primitivas se integram numa comemoração coletiva de extrema vitalidade, mesmo que o elemento da morte possa estar presente até de forma acentuada (...) (PEIXOTO, 2007, p.13).

O autor ressalta ainda que a representação tinha um sentido prático, quando os homens primitivos simulavam caçadas, acreditando “no poder mágico de exercitar uma ação falsa antes de empreender a verdadeira ou no poder prático de treinar astúcia e músculos para garantir o êxito no momento decisivo (...)” (PEIXOTO, 2007, p.13).

A história do teatro se vincula primordialmente ao trabalho do ator, que requer “treinamento constante e aperfeiçoamento técnico além de inteligência e sensibilidade atentas à observação da vida social, ao entendimento das relações de produção e suas consequências do cotidiano social dos homens” (PEIXOTO, 2007, p. 34). É preciso ainda um intenso treinamento físico, já que o corpo do ator é seu instrumento de trabalho.

Ainda hoje, o que se vive no teatro se relaciona ao “primitivo instinto de ser outro” (PEIXOTO, 2007, p. 22), pois o homem tem necessidade do disfarce e do jogo lúdico, além da vontade de se ver a si mesmo reproduzido, seja em rituais religiosos ou profanos.

## **2.2 Potencialidade do jogo teatral: experiências voltadas a pessoas com deficiência**

### **2.2.1 Grupo de Teatro para Atores Especiais - GTPAÊ**

No texto “Psicologia e teatro: mobilizando sentimentos e reconstruindo posturas frente à deficiência mental”, os autores Ferreira, Borges e Ferreira e Silva (2007)<sup>10</sup> discutem o trabalho realizado desde 1997 no Grupo de Teatro para Atores Especiais,

<sup>9</sup> Disponível em <https://www.infoescola.com/artes/historia-do-teatro/> Acessado em 14.10.18

<sup>10</sup> Disponível em <http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2007/29.pdf> Acessado em março de 2019.

conhecido como GTPAÊ, que é formado por jovens e adultos com deficiência mental. O objetivo é que os espectadores das apresentações do grupo possam rever concepções, sentimentos e comportamentos frente a essas pessoas. Os autores esclarecem que, dentre as diferentes linguagens artísticas, escolheram o teatro “como estratégia reveladora das reais possibilidades e limitações de pessoas com deficiência mental, bem como catalisadora da mobilização social indispensável à concretização da sociedade inclusiva” (FERREIRA, BORGES E FERREIRA E SILVA, 2007, p. 1).

O grupo se posiciona criticamente em relação à exclusão e ao descrédito da pessoa com deficiência, gerando nelas sentimentos de inferioridade, impotência e dependência:

A desinformação a respeito das reais capacidades das pessoas com deficiência mental impede a identificação dos aspectos sociais relevantes para a compreensão e minimização das dificuldades e limitações por elas vivenciadas, além de tornar insipientes as ações políticas, sociais e educacionais a elas destinadas (FERREIRA, BORGES E FERREIRA E SILVA, 2007, p. 1).

Para o grupo, as pessoas com deficiência têm capacidade de fazer qualquer coisa, desde que sejam tratadas com respeito e oportunidades de acessibilidade. Diante disso, a proposta é trabalhar os sentimentos delas através da arte, desenvolvendo a imaginação, a criatividade dentre outras habilidades. Tudo isso contribui para a exteriorização da singularidade (COSTA, 2000, apud FERREIRA, BORGES E FERREIRA E SILVA, 2007).

Os autores citam Costa (2000 apud FERREIRA, BORGES E FERREIRA E SILVA, 2007, 3), segundo o qual:

Por meio da arte o indivíduo com necessidades educacionais especiais pode não apenas trabalhar os seus sentimentos em relação à sociedade, que pelos seus preconceitos na maioria das vezes o discrimina e segrega, como também transformar-se em um ser humano com autoestima positiva e uma função social ativa (COSTA, 2000, apud FERREIRA, BORGES E FERREIRA E SILVA, 2007, p. 3).

Roubine (2003 apud FERREIRA, BORGES E FERREIRA E SILVA, 2007), autor do livro *A arte do teatro* (1987), argumenta que o teatro configura-se como outra maneira de mostrar o real, desmistificando as aparências, mobilizando o senso crítico dos espectadores, de modo que possam descobrir, por eles mesmos, aspectos mais complexos da existência.

Já Boal, também citado no artigo - dramaturgo, diretor e teórico de teatro, criador do Teatro do Oprimido, de cunho político, libertário e transformador - propõe

colocar o teatro como forma de dar ao oprimido o seu direito de falar e se expressar, ou seja, nas palavras do autor: “aquele despossuído do direito de ser” (BOAL, apud FERREIRA, BORGES E FERREIRA E SILVA, 2007, p.4). No caso de pessoas com deficiência, que podemos denominar como oprimidas, isso lhes possibilita o protagonismo individual e o direito de inventar sua própria história. Sendo assim, pelo teatro, o ser humano pode observar a si mesmo e “ao ver-se, percebe o que é, descobre o que não é e imagina o que pode vir a ser; percebe onde está, descobre onde não está e imagina onde pode ir” (BOAL, 1996b, p.27, apud FERREIRA, BORGES E FERREIRA E SILVA, 2007, p. 4)

Então, usando o teatro para que o deficiente mental pudesse participar ativamente do processo de sua própria inclusão social, o GTPAÊ inclui diversas atividades, como laboratórios, em que é desenvolvida a comunicação verbal, facial, gestual e corporal, além de improviso e criatividade. Para desenvolver as relações sociais e suas habilidades, estas se baseiam na expressão de sentimentos. Com respeito a si e aos outros, os atores podem manifestar situações de conflitos.

Nos laboratórios também se constroem vivências baseadas nas ideias do texto teatral e os papéis dos participantes nos roteiros. O importante é assinalar que são os próprios atores que constroem o roteiro da peça, selecionando o tema central, identificando os personagens, escolhendo os figurinos, cuidando da sonoplastia como também do título da peça:

Todas as etapas da construção coletiva de um texto cênico são oportunidades para o desenvolvimento constante dos aspectos indispensáveis de serem manifestados também no palco da vida: acato e respeito às normas do contexto em que se está inserido, disciplina, autoconfiança, valorização das habilidades e respeito às dificuldades do outro, solidariedade, saber fazer e receber críticas, conhecimento e avaliação do mundo e fatos à sua volta e autonomia, entre outros (FERREIRA, BORGES E FERREIRA E SILVA, 2007, p.5).

Quanto às apresentações do grupo, estas ocorrem em vários tipos de lugares como empresas, escolas etc., sempre com um debate após cada espetáculo.

Para os coordenadores do GTPAÊ, esses debates possibilitam contato com o mundo da pessoa com deficiência, considerando o que o público assistiu em cena e contribuindo para desmistificar a ideia de dificuldade cognitiva e de interação social a elas associadas. Em relação ao roteiro, existe um de base, mas nas apresentações o texto muda conforme o repertório de vida dos atores:

O trabalho do diretor do grupo é o de, tão somente, garantir que a peça mantenha a coerência entre o começo, o meio e o final; o que os atores

farão e alteração durante este percurso é por conta exclusiva de sua criatividade e autonomia, enfim, de sua competência pessoal e artística (FERREIRA, BORGES E FERREIRA E SILVA, 2007, p.6).

Além do teatro, há uma preocupação com o entretenimento dos atores de modo a incluí-los em atividades próprias de suas idades como dançar e paquerar.

Em relação aos resultados desse trabalho, os autores destacam mudanças de postura dos integrantes no sentido de maior disponibilidade para lidar com frustrações.

Por ser um espaço coletivo, no qual podem expressar seus pensamentos e sentimentos e, assim, manifestar livremente o seu modo de ser, o teatro possibilita ao indivíduo com deficiência mental firmar a sua marca pessoal. Uma marca de ser diferente sim, porém um ser diferente capaz de transformar uma condição histórica e socialmente construída em uma realidade mais condizente com suas expectativas e necessidades, principalmente, de respeito e oportunidades.

### 2.2.2 Cia Teatral Crepúsculo

No artigo “A improvisação alegre no teatro da diferença: os processos criativos da Cia. Teatral Crepúsculo”, Domingos dos Santos (2010)<sup>11</sup> relata sua experiência à frente de uma companhia teatral composta por jovens com ou sem deficiência. A Companhia Teatral Crepúsculo existe desde 2002 em Belo Horizonte e tem como objetivo contribuir para uma sociedade mais inclusiva, levando seus alunos-atores a superarem todo tipo de limitação, de modo a enfrentarem preconceitos. Para o professor-autor, há uma estreita relação entre teatro e divertimento, e em sua experiência com os alunos-atores, “era visível como se tornavam mais criativos e participativos quando jogavam, brincavam e se divertiam”. (2010, p. 2). Ele cita Nachmanovitch, um violinista de improvisação que escreve e ensina sobre improvisação e criatividade, para quem a técnica teatral nasce da diversão:

Não podemos adquirir técnica apenas por meio da prática repetida, da persistente experimentação e utilização de nossas ferramentas, num teste contínuo de seus limites e de suas resistências. O trabalho criativo é divertimento; é a livre exploração dos materiais que cada um escolheu (1993, p.49 apud DOMINGOS DOS SANTOS, 2010, p. 3).

---

<sup>11</sup> Disponível em <https://www.eba.ufmg.br/lamparina/index.php/revista/article/view/20/9> Acessado em 12.02.2019

Domingos dos Santos conta que nas primeiras semanas das oficinas da Companhia teatral, as propostas de jogos e brincadeiras vieram dos alunos e daquilo que eles tomavam como diversão. Isso se tornou algo que os envolvia no grupo, despertando em todos um sentimento de confiança no trabalho:

A alegria e o prazer de jogarmos juntos, ainda que de maneiras diferentes, nos igualava enquanto pessoas e sujeitos criativos. Mas como professor-diretor tinha a tarefa de criar um ambiente propício ao jogo e ao desenvolvimento da imaginação. Também exercia a função de um olhar crítico sobre as criações e apontava os objetivos a serem alcançados na vivência de cada jogo ou brincadeira. Por mais prazerosa que fosse uma atividade, não podíamos perder a dimensão artístico-pedagógica contida nela (DOMINGOS DOS SANTOS, 2010, p. 3).

Sendo assim, optou pela improvisação, já que se trata do “treinamento mais importante para o ofício do ator. Em toda a História do Teatro ela sempre esteve presente, provocando a inauguração e a ruptura das mais variadas dramaturgias cênicas” (DOMINGOS DOS SANTOS, 2010, p. 4).

De fato, a partir dos jogos teatrais, o professor começou a perceber que a improvisação fazia mais sentido do que os jogos com cenas dirigidas: “Numa oficina teatral com jovens alunos com deficiência, diferentes e surpreendentes respostas dadas a cada jogo, nos levam a ampliar e a reconsiderar a forma como cada sujeito se apropria da linguagem teatral” (DOMINGOS DOS SANTOS, 2010, p. 5). Assim, procurou a associar jogo popular e improvisação de modo a desenvolver troca de trabalho entre as personagens, prontidão e escuta. Usou então uma canção chamada “O Pescador”, ciranda de roda executada pelo grupo musical Mestre Ambrósio:

Dançar essa ciranda tornou-se um momento decisivo e precioso para os alunos atores da Cia. Teatral Crepúsculo. O bailado, os passos, a vibração do ritmo, tudo isso empolgava os alunos. Era uma maneira muito rica e contagiante de se preparar para algum trabalho de criação. De mãos dadas na roda trabalhávamos a coletividade e a formação de um círculo de energia extra-cotidiana que nos colocava mais despertos e disponíveis (2010, p. 6).

O professor observou que os corpos dos alunos passaram a transbordar alegria, motivação e saúde: “Corpos aparentemente comprometidos e apresentando diferentes ‘corporeidades’, mas extremamente entregues ao som musical. Corpos diferentes se transformando em corpos dançantes” (DOMINGOS DOS SANTOS, 2010, p. 6).

Foram inúmeros os aprendizados e experimentos vividos no grupo até chegarem à narrativa a ser encenada para o público, levando o autor a concluir: O fato é que uma pessoa, mesmo com suas limitações físicas e mentais, apresenta condições de se apropriar da linguagem teatral.

Basta haver espaços e políticas sociais e culturais que permitem esse acesso. Se colocarmos uma pessoa com Down nessa oficina, ela é capaz de superar sua dificuldade de atuar como também enfrentá-la como qualquer pessoa (DOMINGOS DOS SANTOS, 2010, p. 4).

Concluimos então com esses exemplos o quanto a arte tem um desenvolvimento fascinante e surpreendente, principalmente com esse público, como também tem o potencial de valorizar as experiências e repertórios pessoais de cada um passaremos então no próximo capítulo a abordar outras experiências de ações voltadas à arte no contexto da inclusão das pessoas com Down.

### **Capítulo 3 ORGANIZAÇÕES VOLTADAS À INCLUSÃO E A POTENCIALIDADE DO JOGO TEATRAL**

Neste capítulo, apresentamos trabalhos que buscam favorecer a inclusão de pessoas com deficiência intelectual, dentre elas as pessoas com Down.

Selecionamos aqui três modelos de atendimento às pessoas com Down: um que só atende a esse público e oferece em seu espaço aulas de teatro, dentre outras atividades – trata-se da Associação de Desenvolvimento Integral de Downs/ADID. Outro atende todo tipo de deficiência intelectual, incluindo síndrome de Down, e faz parceria com um teatro voltado ao grande público que profissionaliza atores – chamado Simbora Gente, o instituto organiza também outras atividades no campo das artes. O terceiro, Oficina dos Menestréis, é exclusivamente voltado ao teatro, atendendo todo o tipo de deficiência, como também crianças e idosos.

A seguir, descrevemos cada uma dessas organizações e, em seguida, apresentamos os depoimentos informais realizados com os professores de teatro de cada uma delas.

#### **3.1 Associação de Desenvolvimento Integral de Downs - ADID<sup>12</sup>**

Criada em 1989, a ADID é uma associação sem fins lucrativos e que se originou a partir de um grupo de pais com pessoas com Down.

---

<sup>12</sup> Disponível em <http://www.adid.org.br/sobre-nos.html> acessado em abril de 2019

O objetivo principal é desenvolver projetos que promovam a inclusão dessas pessoas na sociedade, sendo a missão: “Estimular o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência intelectual, em particular com a **Síndrome de Down**, através da educação, integração, socialização e profissionalização, bem como conscientizar a família e a sociedade do potencial dessas pessoas”.

A ADID tem como função a pesquisa científica, aplicando e divulgado sus metodologias educacionais de modo a contribuir com a qualidade do aprendiz e sua inclusão no mercado de trabalho.

As atividades de educação dessa associação se ampliaram, oferecendo apoio para os alunos da educação básica e de cursos profissionalizantes.

Buscando aprimorar-se ainda mais, a associação inaugurou uma escola chamada Professor Antônio Francisco de Carvalho Filho integrando o Ensino Fundamental I com uma metodologia especializada.

Houve também o aprimoramento de programas relacionados à inclusão no mercado de trabalho, para os alunos desenvolverem suas habilidades e ampliarem seus interesses

A equipe da ADID é composta por profissionais da área de Pedagogia, Psicologia, Serviço Social e Empregabilidade. Todos consideram fundamental manter uma relação com os familiares das pessoas atendidas. Além disso, a ADID dá suporte às empresas e aos empregados delas para um convívio melhor com as pessoas com deficiência.

A Associação acredita nas capacidades dessas pessoas e luta por uma educação sem preconceito, como também para que tenham uma vida adulta, independente, contando com o apoio familiar.

### 3.1.1 Depoimento informal: Leonardo Cortez, professor de teatro da ADID

Em 04.04, Leonardo nos concedeu um breve depoimento na ADID sobre sua experiência à frente do curso de teatro oferecido pela instituição às pessoas com Down.

Formado em Artes Cênicas pela ECA, ainda durante o curso, em 1995, teve um primeiro contato com esse público em uma atividade realizada na APAE, junto com uma colega; e logo em seguida, ambos foram convidados a ingressar na ADID. Porém, a colega não se adaptou à instituição, enquanto Leonardo nela permaneceu até os dias de hoje. Em 1998, segundo nos conta, houve uma reestruturação na equipe responsável

pelas atividades artísticas, e a direção decidiu investir mais no teatro, montando um grupo afinado com a linguagem dessa arte.

O primeiro espetáculo que o grupo encenou foi uma versão muito simples, de apenas 20 minutos de duração, do clássico “Romeu e Julieta”; desde então, o grupo vem apresentando uma média de um espetáculo a cada dois anos, somando por volta de treze até o atual momento. Leonardo cita alguns títulos como “Muito barulho por nada”, “A vida é sonho”, “Sonho de uma noite de verão”, “Os Miseráveis” e, por último, “Dom Quixote de La Mancha”.

Quando perguntado do porquê escolheu trabalhar com pessoas com Down, respondeu: “Eu não escolhi, elas me escolheram”. Contou que, desde o início, ficou “muito cativado, pela alegria, pela vontade de fazer teatro e pela paixão delas de fazê-lo”. Isso porque, para Leonardo, o teatro é muito importante para o desenvolvimento da expressividade, criatividade, sociabilização e expansão do repertório cultural de cada um, o que é fundamental para qualquer pessoa e também para a pessoa com Down: “esse entusiasmo que eles [grupo da ADID] têm pelo teatro vem alimentando o processo esses anos todos”. E complementa: “Cada vez que eu termino um espetáculo, me vejo diante de um grupo que está buscando novos desafios, está querendo coisas mais complexas, mais difíceis. Os desafios vão ficando cada vez maiores, mas o amor pelo teatro continua, que é o que mantém o grupo vivo”.

Sobre seu percurso pessoal, Leonardo conta que sempre foi um apaixonado pelo teatro, começando a atuar aos 15 anos no teatro amador numa escola chamada Tíria, em que tinha um arte-educador que foi uma influência forte em sua vida: “um cara muito entusiasmado e convicto de que o teatro poderia ser um instrumento importante para o desenvolvimento do ser humano. Me espelhei nesse arte-educador para ser o profissional que sou hoje”. Ressaltou que tudo que diz respeito ao teatro o entusiasma muito: “Sou um cara que escreve teatro, que dirige teatro, dou aula de teatro e atuo”.

Em relação ao método de preparo dos atores, contou que usa muito as ideias da arte-educadora Viola Spolin, um dos principais nomes dos jogos teatrais, para quem qualquer um pode atuar num palco – “todo mundo é capaz de se expressar criativamente, desde que tenha a consciência de quais são as regras do jogo”. Essas regras são muito simples: “você precisa saber quem está atuando, o que está fazendo, onde está fazendo, sempre tendo consciência do foco.” No caso do grupo ADID, a opção é pelas grandes obras do teatro universal, como Shakespeare e agora Cervantes.

Isso possibilita que os atores entrem em contato com personagens complexos, difíceis, mas ao mesmo tempo muito desafiadores.

Perguntado se usa um método diferente com pessoas com Down, Leonardo respondeu que, sendo um arte-educador, vê a necessidade de se adequar ao ritmo e característica de cada grupo com o qual trabalha, sejam crianças, adolescentes, idosos como também pessoas com Down. Mas o nível de envolvimento e de responsabilidade que exige de cada um é sempre o mesmo – “um nível profissional”. Ressalta que o método que usa se baseia na paixão “o teatro é uma arte muito fascinante, os alunos ficam muito envolvidos e entusiasmados, e aí os resultados aparecem e o envolvimento vem naturalmente”.

[FR1] Comentário:

Em relação à pergunta: “O que faz uma aula de teatro ser inclusiva”, Leonardo respondeu: “não menosprezar nenhuma capacidade e nenhuma potencialidade, e exigir de seus alunos a mesma coisa que exigiria de uma pessoa que não tem Down ou nenhuma deficiência. Claro que respeitaremos os limites, as características, mas o envolvimento com o trabalho e a cobrança são os mesmos que eu teria com qualquer outro público.” Acrescenta ainda que o trabalho realizado na ADID é inclusivo na medida em que revela as potencialidades das pessoas com Down. Conta que o público se surpreende a cada espetáculo por não imaginar que essas pessoas teriam capacidade de decorar os textos, de cantar as músicas, de entender personagens tão complexos e transmitir tanta emoção: “uma pessoa com Down é capaz de qualquer coisa, desde que se dê a ela o amparo e proporcione um ambiente de trabalho que faça todas as potencialidades acontecerem e se manifestarem”.

Ainda sobre a recepção do público aos espetáculos da ADID, afirma que as pessoas ficam muito cativadas, pois o grupo de teatro “cobra uma outra postura dos espectadores”. Eles não ficam passivos assistindo ao espetáculo, se envolvem, torcem, sendo testemunhas oculares desse exercício de superação que acontece cada vez que montam um espetáculo: “você assiste um ator com Down e percebe na interpretação dele o quanto foi desafiador fazer aquele trabalho, você vibra junto com ele e se envolve, pois ele está muito dentro do espetáculo. É uma experiência muito intensa para quem está fazendo teatro e para quem está assistindo”.

No que diz respeito à contribuição desse trabalho para a transformação das pessoas com Down, Leonardo acredita que o principal ponto é o desenvolvimento da autoconfiança: “à medida que eles se sentem detentores desse poder de criar outro universo, a autoestima aumenta, se sentem capazes de fazer outros personagens, de

entender a complexidade proposta pelos dramaturgos e também dos personagens, com todas as suas contradições, dramas e inquietações.” Além disso, destaca o fato de que os atores estão em contato uns com os outros, pois se trata de um exercício essencialmente coletivo: “eles precisam saber trabalhar em equipe, desenvolver a escuta, desenvolver a socialização e a criatividade”.

Por fim, acredita que já há uma mudança na sociedade em relação à aceitação das pessoas com Down: “quanto mais oportunidades você dá para essas pessoas, mais todos percebem que elas têm o que contribuir na sociedade”. Cita como exemplo o espetáculo “Colegas”, composto tanto de atores com Down como sem deficiência e conclui que essa interação é benéfica para todos. “O Down tem características que melhoram a vida das pessoas, porque ele é muito sincero, amoroso, curioso, atencioso e isso faz com que cada um de nós manifeste isso dentro de si mesmo. Eles propõem essa dinâmica sensível nos ambientes em que estão inseridos. Em um mundo em que as pessoas estão muito nervosas e intolerantes, uma pessoa com síndrome de Down, geralmente, harmoniza muito o ambiente”.

Leonardo nos relatou, ainda um episódio marcante para o grupo: a morte de duas jovens atrizes muito queridas. Lembra que precisaram voltar a encenar a peça, substituindo uma delas nas apresentações: “foi mesmo muito difícil e dolorido para todos, mas não se deixaram abater, afinal, o espetáculo tem de continuar!”.

### **3.2 Instituto Simbora Gente**

O Instituto Simbora Gente foi fundado a partir da Instituição Carpe Diem (fechada em 2014), tendo como objetivo favorecer o desenvolvimento da pessoa, a convivência na diversidade, estimular a busca do autoconhecimento e da autonomia de jovens com deficiência intelectual, pessoas com Down e autistas:

O Simbora Gente nasceu da possibilidade de construir novos olhares em relação à diversidade humana. Orientando pessoas, auxiliando-as por meio da aprendizagem mediada e de apoio específico às suas singularidades, contribuindo de alguma forma para que as pessoas com deficiência intelectual tenham o reconhecimento de sua capacidade de serem produtivas, dos seus direitos, deveres, necessidades, sonhos e tantos outros ideais possíveis de serem conquistados<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Disponível em <https://www.simboragente.com/about> acessado em maio de 2019.

Atualmente, o Instituto atende mais de 100 pessoas, distribuídas nos seguintes programas:

**SIMBORINHA:** são realizadas atividades diversas, como “brincadeiras, viagens em família, esportes e programas culturais, em diferentes locais, tendo como objetivo valorizar e ampliar as relações sociais e estimular o desenvolvimento das crianças, por meio de ações cotidianas de cidadania e lazer”.

**SIMBORINHA TEEN:** voltado a adolescentes de 10 a 17 anos com deficiência intelectual, para realização das seguintes atividades: Roda Terapêutica, Criatividade Digital, programas culturais, viagens e esportes, realizadas em diferentes locais. O objetivo é conhecer e vivenciar espaços públicos, estimular a convivência e fomentar nos jovens a reflexão sobre a importância de uma participação atuante na sociedade”.

**COMITÊ – EMPREGABILIDADE, composto das seguintes ações:**

- a. **Orientação vocacional:** busca levantar, explorar e desenvolver pré-requisitos para a vida produtiva e criar oportunidades para que os participantes possam refletir sobre a identidade vocacional e ocupacional, desenvolver autonomia, trabalhando o ajustamento pessoal, social e inclusão na comunidade.
- b. **Orientação profissional:** orientar os jovens que trabalham, para o desenvolvimento de competências, atitudes e habilidades referentes ao mundo profissional.
- c. **Consultoria na área de empregabilidade:**
  - Suporte a empresas que têm interesse em disponibilizar vagas para pessoas com deficiência
  - Mobilização na empresa: desmistificando a deficiência e enfatizando as possibilidades de crescimento pessoal que cada trabalhador possui
  - Programa de empregabilidade: acompanhamento realizado por um consultor (profissional com experiência em colocação profissional e orientação às empresas).
- d. **Simbora Gente Eventos:** desenvolve um trabalho preparatório com jovens interessados que queiram atuar trabalhando em eventos como mestre de cerimônias, palestrantes, mediadores de mesas, recepcionistas e apoio em geral.

**CONSULTORIA EM ESCOLAS:** o objetivo é dar suporte, quando necessário, na inclusão social e educacional de crianças, adolescentes e adultos com deficiência intelectual

**SEXUALIDADE:** tem como objetivo reduzir a vulnerabilidade de jovens com deficiências intelectuais frente às questões de sexualidade, promovendo espaços para a discussão dos Direitos Humanos, Direitos Sexuais e Reprodutivos e Projeto de Vida. Busca ainda estimular a reflexão das pessoas com deficiência intelectual no que diz respeito à construção de seus afetos e pensamentos sobre sua sexualidade e identidade sexual; favorecer reflexões objetivando a tomada de consciência e o aprimoramento de atitudes referentes

à comunicação com a família e aos grupos sociais que esteja envolvida. Através da construção dos diversos contextos, favorecer a elaboração, a expressão e o exercício em situações de afetos e sexualidade, para que venha a ser protagonista de sua própria história.

**ATENDIMENTO DE CASAIS:** O Simbora Terapêutico e Atendimento de Casais têm como objetivo reduzir a vulnerabilidade de jovens com deficiências intelectuais frente às questões de sexualidade e afetividade. O projeto estimula a reflexão na construção de afetos e pensamentos sobre a identidade sexual e favorece o aprimoramento de atitudes referentes à comunicação com a família e grupos sociais. Durante as atividades, são desenvolvidos a elaboração, a expressão e o exercício em situações de afetos e sexualidade.

**SIMBORA GENTE VIAJAR:** Viajar com diversão e atividades de lazer, além de promover autonomia no autocuidado, o trabalho focado numa dieta equilibrada e saudável, na organização dos pertences, no uso do dinheiro, entre outras situações do cotidiano.

**SIMBORA GENTE VOLUNTURISMO:** É um tipo de turismo que interage com o destino em ações e intervenções voluntárias que visam ajudar diferentes grupos sociais desfavorecidos. Foge do padrão da viagem “tradicional”. O volunturista é conscientizado da fragilidade do local e buscará de alguma forma acrescentar algo ou somar algo no destino.

**SIMBORA GENTE EQUIPE DE AT (Acompanhamento terapêutico):** Trabalho que visa promover a autonomia e a reinserção social, bem como uma melhora na organização subjetiva do cliente, por meio da ampliação, da circulação e da apropriação de espaços públicos e privados. O trabalho se desenvolve através de encontros cujo campo de ação é o cotidiano dos sujeitos acompanhados e um fazer em comum, por meio do qual o colaborador pode encontrar uma maneira de conduzir sua vida de forma mais autônoma.

**AÇÃO CIDADÃ:** Refletir sobre temas do cotidiano, posicionar-se criticamente frente a sua identidade, família, ao seu meio social, aos valores, direitos e deveres exercitando e fortalecendo a prática da cidadania.

**ATENDIMENTO PSICOLÓGICO:** Favorecer a busca do autoconhecimento, possibilitando a construção de recursos a partir de suas próprias competências.

**RODA TERAPÊUTICA:** Favorecer a percepção e a compreensão dos próprios sentimentos e comportamentos dentro e fora do grupo, bem como dos demais integrantes, possibilitando uma melhor autoconfiança.

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL:** Explorar o tema Educação Ambiental, fortalecendo valores e atitudes a fim de permitir o desenvolvimento global do ser humano, proporcionando conceitos básicos de meio ambiente, de forma a oferecer aos alunos ferramentas de aprendizagem adequadas e motivadoras.

**PROGRAMA MATURECER:** Através de um programa com vivências psicoeducativas, terapêuticas e com saídas culturais, será possível refletir e aprender sobre: “Envelhecer no Século XXI”. Público Alvo: Pessoas com Deficiência Intelectual acima de 40 anos. É pautado em ações conjuntas com as famílias e com a comunidade da qual este adulto participa.

**APRENDENDO A VIVER COM AUTONOMIA:** Instigar a busca por autonomia em atividades do dia-a-dia, fomentando a tomada de escolhas e de decisões em situações do cotidiano.

**AUTODEFENSORES-PROTAGONIZO!:** Favorecer ao participante o sentimento de liderança e iniciativa, elaboração e expressão de ideias, habilidade de relacionar-se em grupo.

**DANÇA:** Dança de salão como prática educativa e de desenvolvimento.

**JIU-JITSU:** Como esporte, prática educativa e de desenvolvimento.

**TEATRO:** Favorecer a socialização, a coordenação motora, consciência corporal, o gosto pela leitura e auxiliar na desinibição e na memória, liberando a imaginação e a diversão.

Segundo Fabiana Duarte, fundadora do Instituto, a ideia do projeto nasceu de uma necessidade de um estudo voltado para a questão da invisibilidade social da pessoa com deficiência. A ideia é de construir junto com os participantes esse percurso, em que cada um possa ser protagonista da sua história, ocupando os espaços públicos como todos os cidadãos:

Formamos indivíduos questionadores, autônomos e responsáveis, capazes de interagir com o conhecimento, refletir e viver como cidadãos numa sociedade pluralista e em permanente transformação. O objetivo é favorecer o desenvolvimento da pessoa, a convivência na diversidade, estimular a busca do autoconhecimento e da autonomia de crianças, adolescentes e jovens com deficiência intelectual<sup>14</sup>.

### 3.2.1 Depoimento informal: Jussara Moreira, professora de teatro do Simbora Gente

Em 03 de maio, Jussara nos recebeu no Teatro das Artes para nos contar sobre sua trajetória com arte, educação e inclusão.

---

<sup>14</sup> Disponível em <https://www.simboragente.com/about> acessado em maio de 2019.

Mineira, Jussara veio há nove anos para São Paulo, a fim de estudar atuação para cinema, “com uma mão na frente e outra atrás”. Logo começou a cursar uma faculdade de comunicação, enquanto trabalhava na área de *marketing*, com fotografia e em um cursinho pré-vestibular, voltado à inclusão.

Foi então chamada para fazer parte de uma companhia de teatro: “todo sábado estava lá, aprendendo com eles, sobre atuação, preparação de atores”. Tratava-se de um grupo semelhante ao Simbora Gente. Começou a perceber o quanto gostava dessa área, na qual já havia tido uma primeira experiência aos 12 anos de idade.

Jussara conta o quanto se sente realizada, trabalhando com inclusão social tanto através das artes como da educação: “Comecei a ver que, na minha vida profissional, aquilo que eu acredito, envolve muito as artes, a educação e a inclusão social”.

Depois de sete anos na companhia de teatro, foi convidada a dar aula para jovens do grupo na preparação de atores: “Ali fui me aperfeiçoando cada vez mais, estudando, fazendo cursos de atuação para cinema no Instituto Stanislavski”. Em 2016, conseguiu uma bolsa no Senac na área de TV, e foi continuando o seu percurso no universo das artes, sempre associando com a inclusão e educação, até que, neste ano, vai concluir licenciatura na Escola Paulista de Artes. Passou a dar aulas de teatro em colégios, e então recebeu o convite para integrar a equipe do Instituto Simbora Gente.

Animada, iniciou o trabalho em fevereiro e pretende continuar na instituição: “Para mim, não existe nenhuma área da sociedade que não precise ter a inclusão social. Porque as pessoas são diferentes e precisamos saber respeitar a diversidade, principalmente incluir as pessoas que, aos olhos de todos, têm alguma deficiência, e que os outros falam: ‘esse não vai conseguir’”. Conta que, inclusive, conhece um grupo de cadeirantes que faz um trabalho “incrível no palco, de corpo, que você não encontra em outras companhias, com atores que têm pernas!”. Então, pergunta Jussara: “por que excluir?”. E foi justamente pelo seu engajamento com inclusão que escolheu trabalhar com o Simbora, com pessoas com síndrome de Down, atuando como arte-educadora.

Em relação ao método que utiliza, diz que gosta muito de trabalhar com jogos teatrais e cenas de improviso. Nos jogos teatrais, cita os trabalhos de Viola Spolin, Stanislavski e Augusto Boal. Trata-se de circunstâncias que vão sendo trabalhadas com o grupo para que eles “saíam da zona de conforto”, o que permite que o ator aprenda a respeitar o ritmo do outro: “O teatro é coletivo, uma pessoa sozinha não consegue fazer nada - assim como na vida, um depende do outro”. Destaca que, através dos jogos teatrais, consegue trabalhar o tempo e o ritmo do grupo, de modo a preparar os atores

para a peça. Quanto à improvisação, usa esse método para facilitar a criação, para deixar fluir a criatividade e a imaginação.

Enfatiza que o método que utiliza com o grupo de pessoas com deficiência não é diferente do que trabalha com os outros grupos de teatro: “esses jogos teatrais e o improviso que eu trabalho, são justamente para cada um conhecer a sua limitação, como também romper com as suas limitações dentro das suas possibilidades. Cada um tem a sua dificuldade independente de ter ou não deficiência” Falando em relação à acessibilidade do método destaca que tudo depende do professor, e ele precisa entender a dificuldade do aluno : “é preciso ter uma sensibilidade, para entender que cada aluno tem um limite, tem um corpo, um história, um jeito.” A arte-educadora faz uma proposta para o grupo, respeitando a individualidade de cada um dos integrantes: “conforme você trabalha a individualidade de cada um, depois vai montando as pecinhas do quebra-cabeça, e o coletivo vai se tornando um só e as coisas vão fluindo”

Para ela, uma aula inclusiva é quando você aprende a ouvir, ou ver ou sentir o outro: “A melhor palavra nesse caso é sentir o outro, a pessoa que está junto com você”

Perguntada sobre se esse trabalho contribui para a transformação das pessoas com deficiência, ela responde que contribui demais. Em sua visão, a pessoa com deficiência se cobra muito para que a sociedade não a pressione ainda mais e não perceba “as suas dificuldades”: “é um trabalho que ajuda a pessoa a se conhecer, a se respeitar, a se amar, que cada um pode ser feliz do jeito que é com as suas limitações, que podem inclusive a ajudar o outro, que muitas vezes tem uma limitação maior”.

Por fim, Jussara espera que o trabalho que realiza no Simbora propicie uma mudança de olhar na sociedade: “é um trabalho de ‘formiguinha’, sei que sozinha não vou conseguir fazer nada, por isso me junto a outras pessoas que acreditam nisso também, pois junto somos mais fortes”.

### **3.1 Oficina dos Menestréis**

A Oficina dos Menestréis foi criada em 1981, inspirada em um novo método usado pelo cantor e compositor Oswaldo Montenegro para dirigir seu elenco de atores, cantores e bailarinos. O objetivo era atingir maior agilidade, maior noção de conjunto e atenção redobrada dos atores, criando, assim, alguns exercícios baseados no método do reflexo e atenção para o treinamento de seus elencos.

Deto Montenegro, ator e irmão de Oswaldo, passou então a desenvolver e adaptar para profissionais de todas as áreas esse treinamento artístico. A ideia é que o desenvolvimento do reflexo, da percepção e da capacidade intuitiva contribui para melhorar as condições de vida do indivíduo. Em 1986, Deto montou sua primeira turma de Teatro Musical no Rio de Janeiro, um trabalho de sucesso que continuou nos anos seguintes. Em 1991, trouxe esse trabalho para São Paulo, junto com a Companhia Oswaldo Montenegro, criando sua primeira turma na cidade, que resultou no musical NOTURNO, em cartaz até hoje.

Em 1993, Deto Montenegro estabeleceu sociedade com o ator Marco André Brandão de Magalhães (Candé), criando então a OFICINA DOS MENESTRÉIS. Trata-se de uma empresa de Teatro Musical, que já tem em seu repertório mais de 20 peças, sempre buscando excelência tanto pelo uso de linguagem original, quanto pela contribuição significativa para formação de público. A empresa também trabalha em seus cursos livres de teatro com inclusão social, atendendo todo tipo de deficiência, além de idosos e crianças, pois acredita que todo tipo de pessoa pode subir em um palco.

### 3.3.1 Depoimento informal: Deto Montenegro, professor de teatro da Oficina dos Menestréis

Em 20.05, Deto nos recebeu no Tênis Clube Paulista, local em que funciona a Oficina dos Menestréis, para nos contar de sua trajetória profissional e acerca de suas ideias sobre teatro e inclusão.

Deto nos contou que recebeu seu primeiro cachê com dezoito anos quando começou a atuar junto de seu irmão, primeiramente em sua equipe técnica, e logo depois no elenco de atores: “Foi aí que ganhei o meu primeiro cachezinho, cai na estrada com meu irmão e não voltei nunca mais”. Nessa ocasião, desistiu de fazer faculdade de Educação Física como havia planejado, e neste ano completou trinta e oito anos de teatro.

Na década de 1980, viajou com a companhia do irmão, encenando “A Dança dos Signos”, que foi um grande sucesso no Rio de Janeiro - um espetáculo popular, com uma estética acessível: “era uma maneira de fazer um musical em que o público olhava e sentia que também podia brincar daquilo”. A partir da experiência com esse espetáculo, foi sendo convidado para outros trabalhos, agora voltados à formação de atores. Ficou então combinado que seu irmão cuidaria da direção dos espetáculos e

Deto, das aulas e exercícios de teatro. Até que vieram com a companhia para São Paulo, e aqui, junto com Candé criaram a Oficina dos Menestréis.

A ideia da oficina era trabalhar com todo tipo de profissional: “eu queria que um pai pudesse fazer aula com uma filha, que tivesse com uma irmã, que tivesse com uma prima, que fosse um ambiente em que todo mundo pudesse ter na sua semana um condicionamento artístico como você faz um condicionamento físico. Eu queria que a Oficina tivesse esse tipo de público, de todo tipo de faixa etária, classe social”. Surgiu uma ideia a partir de uma amiga cadeirante, para fazer um grupo de teatro com pessoas com essa deficiência: “Eu adoraria ter uma turma de cadeirante, porque eu acho que o método também é acessível a eles, e acho que eles também me ajudariam muito a ver o meu método adaptado ao giro da roda e esse desafio parecia que estava ao meu alcance, porque a Oficina era aberta a todo tipo de perfil. Isso foi em 2003 e até hoje eu tenho um grupo de cadeirante”.

Em relação ao método utilizado para preparação do ator para o espetáculo, afirmou categórico: “É um método nosso, é um trabalho dos menestréis, muito voltado para a dinâmica de grupo, com exercícios elaborados por nós nesses vinte e oito anos”. Eles buscam sempre adaptar os exercícios para a proposta, trabalhando o reflexo, a percepção, a intuição, a capacidade de improvisação do aluno, a capacidade de lidar com o erro: “Fomos cada vez mais tornando o exercício acessível, de modo que o aluno pudesse se sentir bem para realizá-lo. Hoje a Oficina recebe grupo de Downs, autistas, além de senhores da maturidade e pessoas com deficiência visual, e com todos o mesmo método é utilizado, apenas com algumas adaptações e a mesma estética de montar musicais”. Para Deto, a dinâmica de grupo é fundamental para tornar o trabalho acessível e ajuda a trazer coisas do cotidiano: “o trabalho é bem prático, pois a ideia não é apresentar teorias ou profissionalizar. Trabalhamos com o jeito de cada um estar no palco, com a bossa ,com a sua maneira, com a sua autenticidade, através do reflexo, você procura dar uma série de atenções para o seu aluno, para o seu artista, nesse momento ele começa a parar de pensar e age mais intuitivamente e quando ele age mais intuitivamente, ele faz a cena com mais autenticidade”.

Com relação ao que determina uma aula ser inclusiva, Deto afirma que é o fato de ela ser igual às outras turmas, sendo propostos os mesmos exercícios como também porque são diversas, ou seja, há participantes com algumas deficiências e outros não. Ele ainda destaca: “a arte é inclusiva, ela já tem esse espírito abrangente. Não só a pessoa com Down, mas todo e qualquer jeito, qualquer tipo humano”.

Perguntado sobre como o público recebe o ator com deficiência, ressalta que o público recebe muito bem, com uma leitura certa do que está dentro do potencial deles: “O espetáculo mostra aquilo que eles são, com algumas dificuldades que eles têm como todos nós temos, acho que o público e o espetáculo se entendem bem, o público percebe que eles estão ali brincando, se divertindo artisticamente no palco”.

Sobre a possibilidade de transformação das pessoas com deficiência na sociedade, através do teatro, para Deto não só para esse grupo, mas todas as pessoas se transformam, pois: “A arte é fascinante, mexe com a sensibilidade, com o jeito de você olhar as coisas. Acho que todo mundo poderia ter na sua semana um momento para fazer arte”.

Afirma ainda que nunca foi “militante da inclusão”, mas para ele informar também significa incluir: “Acho que a arte é um veículo de informação, então não propus meu método de trabalho com essa bandeira, mas penso que mudou bastante a vida do autista, a vida da galerinha que tem síndrome de Down. Só de você ter quarenta pessoas no palco convivendo já é bacana, já são anos que viajamos e falamos disso, viajamos com os espetáculos. Acho que a arte tem a sua contribuição e nosso grupo também”.

Deto tem muitos episódios marcantes para narrar, pensa até em fazer um documentário: “tivemos muitos momentos divertidos com os meninos do Up, por exemplo a gente aprendeu muito nas viagens com essa trupe. Tenho certeza que a gente ajudou a todos a lidar com os desafios, a pessoa com Down tem aquela pureza, no primeiro dia ele já diz que te ama, e você se sente o cara mais amado do mundo”.

Interessante observar que entre os três professores de teatro com os quais conversamos há muitas semelhanças em relação à formação, à maneira de pensar o teatro e à inclusão social das pessoas com deficiência.

No que se refere à formação na área artística, observamos que os três iniciaram cedo suas atuações no palco, sempre procurando aperfeiçoar suas práticas e pensando no teatro como um exercício coletivo, propício para o desenvolvimento da expressividade, criatividade, sociabilidade para a expansão do repertório cultural. O trabalho coletivo facilita que se conheçam e se respeitem mutuamente, percebendo que podem ajudar uns aos outros. “A arte é fascinante” - afirma Deto. Também observamos semelhanças no trabalho de inclusão social do teatro. Os três buscam respeitar o ritmo e os limites de seus alunos com deficiência, mas não deixam de cobrar envolvimento e

comprometimento no trabalho desenvolvido. Então usam o mesmo método para todos os perfis e procuram não excluir ninguém. Consideram o método inclusivo, por revelar potencialidades, respeitar a característica de cada um, possibilitando a capacidade de lidar com o erro, aprender a ouvir e sentir o outro.

Sobre a recepção do público, os três afirmam que os espectadores se mostram participativos, torcem e vibram pelos personagens e os atores e o público se entendem muito bem. Isso mostra que já há uma mudança em relação à aceitação das pessoas com deficiência, embora como destacou Jussara se trate de “um trabalho de formiguinha”. Para eles, todos se transformam quando a inclusão acontece, pois a interação entre pessoas diferentes é benéfica para a sociedade.

Por fim, apontaram características das pessoas com Down, que segundo eles favorecem o ambiente: alegria, pureza, sinceridade, amorosidade e espontaneidade: “isso faz com que cada um manifeste essas características dentro de si”- como bem lembrou Leonardo. Porém, Jussara destacou outra peculiaridade presente em pessoas com Down que também caracteriza outras pessoas com deficiência: “Eles se cobram muito, para não serem cobrados na sociedade, para que os outros não percebam suas dificuldades”. De toda forma, como brincou Deto, junto das pessoas com Down “você se sente o cara mais amado do mundo”.

## Considerações finais

*Uma pessoa com Down é capaz de qualquer coisa, desde que se dê a ela o amparo e proporcione um ambiente de trabalho que faça todas as potencialidades acontecerem e se manifestarem. Você assiste um ator com Down e percebe na interpretação dele o quanto foi desafiador fazer aquele trabalho, você vibra junto com ele e se envolve, pois ele está muito dentro do espetáculo. É uma experiência muito intensa para quem está fazendo teatro e para quem está assistindo. À medida que eles se sentem detentores desse poder de criar outro universo, a autoestima aumenta, se sentem capazes de fazer outros personagens, de entender a complexidade proposta pelos dramaturgos e também dos personagens, com todas as suas contradições, dramas e inquietações.*

Leonardo Cortez, professor de teatro da ADID

*Para mim, não existe nenhuma área da sociedade que não precise ter a inclusão social. Porque as pessoas são diferentes e*

*precisamos saber respeitar a diversidade, principalmente incluir as pessoas que, aos olhos de todos, têm alguma deficiência, e que os outros falam: 'esse não vai conseguir'.*

Jussara Moreira, professora de teatro do Simbora Gente

*Acho que todo mundo poderia ter na sua semana um momento para fazer arte.*

Deto Montenegro, professor de teatro da Oficina dos Menestréis

Perguntados no capítulo anterior como veem a transformação do olhar sobre o Down, os professores-atores de teatro responderam que só pelo fato de essas pessoas estarem no palco já significa um grande avanço, embora se tenha ainda muito preconceito e a sociedade seja muito conservadora e excludente. Exemplos de sucesso na inclusão não faltam e têm circulado na mídia:

**“Estudante com SD vence mais um obstáculo e passa no vestibular de Direito no Ceará”** (site Mães em ação<sup>15</sup>): Willian é um estudante que venceu vários obstáculos e preconceitos ao passar no vestibular numa universidade particular em Sobral. Foi excluído após ter uma boa pontuação em universidades públicas, mas ao ter oportunidade em uma particular, não teve dúvidas e logo iniciou o curso. Ele também pretende ser ator.

**“Primeira professora com Down encanta crianças na Argentina”** (site Só Notícia Boa<sup>16</sup>): Desde pequena, Noela sonhava em ser professora de Educação Infantil, pois sempre adorou crianças. Atualmente com 33 anos de idade, conseguiu realizar seu sonho, deixando de lado o preconceito e os estereótipos e conseguindo mostrar as capacidades que as pessoas com Down têm. Sua história tem percorrido o mundo como exemplo de superação: “Com as crianças eu sempre me sinto bem, os pais delas me adoram e os outros professores e diretores que tenho são divinos!”, encanta-se Noela.

<sup>15</sup> Disponível em <https://www.maesemacao.com.br/estudante-com-sindrome-de-down-vence-mais-um-obstaculo-e-passa-no-vestibular-de-direito-no-ceara/> Acessado em junho de 2019

<sup>16</sup> Disponível em <http://www.sonoticiaboa.com.br/2019/05/09/primeira-professora-down-encanta-criancas-argentina/> Acessado em junho de 2019.

**“Todos os funcionários deste hotel na Itália têm SD”** (site Psicologias do Brasil<sup>17</sup>): Trata-se do hotel Albergo Ético. O espaço tem vinte e seis quartos com cerca de sessenta camas e um restaurante que atende por volta de 50 pessoas por dia. Com essa política de inclusão, o hotel incentiva a emancipação de pessoas com Down, provando que elas podem fazer mais do que a sociedade imagina.

**“Primeiro bombeiro com SD é nomeado em Buenos Aires”** (site Crianças especiais<sup>18</sup>): Álvaro sonhava em seguir os passos do pai e se tornar bombeiro. Com o apoio de sua família e da comunidade de sua cidade, que fez um abaixo-assinado com mais de 17.000 assinaturas, ingressou na corporação aos 23 anos. Além disso, também é atleta de equitação e ganhou vários prêmios.

**“Modelo catarinense com SD é finalista de concurso na República Tcheca”** (site Versar<sup>19</sup>): Além de modelo, Geórgia é *influencer digital* e vai viajar nos próximos dias com a família para participar de uma premiação como *rising star* (Estrela em Ascensão) por ser a *influencer digital* mais seguida nas redes sociais.

Somados aos estudos que apresentamos neste trabalho, esses exemplos nos mostram que a pessoa com Down não pode ser menosprezada e nem vitimizada. Desde que estimulada, compreendida e aceita em sua singularidade, ela é uma pessoa capaz de realizar seus projetos com autonomia.

Pude neste trabalho observar também o efeito surpreendente e extraordinário da arte para a pessoa com Down, no que refere à inclusão social nos espaços públicos. Em especial, o teatro, em foco nesta pesquisa, pode favorecer o desenvolvimento pessoal, a ampliação de repertório cultural, a consciência corporal, imaginação, além do aprendizado do trabalho coletivo, já que, para acontecer uma peça, é necessário considerar a alteridade, desenvolver tolerância, paciência e respeito em relação ao outro.

Atualmente, atuo como assistente de mediadora de um grupo que ajuda a pessoa com Down a se defender, tanto como cidadã como a si mesma. Acredito que, perante a uma sociedade ainda tão preconceituosa, é muito importante que as pessoas com deficiência saibam se autodefender como também defender seus direitos e deveres.

---

<sup>17</sup> Disponível em <https://www.psicologiasdobrasil.com.br/todos-os-funcionarios-deste-hotel-na-italia-tem-sindrome-de-down/>. Acessado em junho de 2019.

<sup>18</sup> Disponível em <https://www.criancasespeciais.com.br/primeiro-bombeiro-com-sindrome-de-down-e-nomeado-em-buenos-aires/>. Acessado em junho de 2019.

<sup>19</sup> Disponível em <https://www.revistaversar.com.br/modelo-catarinense-sindrome-de-down-concurso-praga/>. Acessado em junho de 2019.

Nesses encontros, também discutimos como fazer para tomarmos decisões sobre nossas próprias vidas, como ter comprometimento e, principalmente, responsabilidade.

Causa indignação a tentativa do atual governo de extinguir o Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - CONADE<sup>20</sup>, que existe desde 1999. Isso mostra o quanto os nossos direitos ainda não estão garantidos, e o quanto ainda existe muita exclusão social, necessitando então de muitas ações positivas a favor da pessoa com deficiência, como buscamos expor neste trabalho.

Por me considerar uma pessoa com deficiência, vivo desde pequena a luta pela inclusão e pela visibilidade social. Com relação a esse efeito positivo da arte no geral, conto um episódio recente: há alguns dias, fui em um aniversário de uma pessoa com Down, e ela decidiu cantar em sua festa pela primeira vez a sua música preferida: “O canto da cidade”, de Daniela Mercury. Isso me encantou muito e me fez lembrar da homenagem que recebi da escola de teatro que frequentava na ocasião de meu transplante de rim, como relatei no início deste estudo. Na peça que meu grupo apresentou no fim de ano, meu personagem foi o sentimento de esperança.

Hoje, penso que sou minha própria esperança, visto que tenho uma vida de combates, vitórias e conquistas de meu mérito, sempre me engajando em trabalhos voltados à inclusão social da pessoa com deficiência intelectual e buscando que esse movimento venha até mim.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTIDE, Roger (1971). *Arte e Sociedade*. Trad. Gilda de Mello e Souza. São Paulo: Nacional.

BOSI, Alfredo (1991). *Reflexões sobre a Arte*. São Paulo: Ática.

CORDEIRO Mariana Prioli, et al. (2007) “Deficiência e Teatro: Arte e Conscientização”. *Psicologia Ciência e Profissão*, 2007, 27 (1), 148-155. Disponível em [file:///C:/Users/Claudia/Downloads/Dialnet-DeficienciaETeatro-6156066%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Claudia/Downloads/Dialnet-DeficienciaETeatro-6156066%20(2).pdf) Acessado em 13.11.18.

---

<sup>20</sup> O Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (Conade) é um órgão superior de deliberação colegiada, criado para acompanhar e avaliar o desenvolvimento de uma política nacional para inclusão da pessoa com deficiência e das políticas setoriais de educação, saúde, trabalho, assistência social, transporte, cultura, turismo, desporto, lazer e política urbana dirigidos a esse grupo social

DOMINGOS DOS SANTOS, Clóvis (2010). “A improvisação alegre no teatro da diferença: os processos criativos da cia. Teatral crepúsculo.” Revista Lamparina, v.1 n.1. Minas Gerais. Disponível em <https://www.eba.ufmg.br/lamparina/index.php/revista/article/view/20/9> Acessado em 12.02.2019.

FERREIRA, Solange Leme, BORGES Pedro Amado e SILVA Fernanda Ferreira (2007). “Psicologia e teatro: mobilizando sentimentos e reconstruindo posturas frente à deficiência mental”. IV Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial. Londrina, 29 a 31 de outubro de 2007. Disponível em <http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2007/29.pdf> Acessado em dezembro de 2018.

GIL, Antonio Carlos (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5 ed. São Paulo: Atlas.

GOMES-MACHADO, Maria Luiza; CHIARI, Maria (2009). “Estudo das Habilidades Adaptativas Desenvolvidas por Jovens com Síndrome de Down Incluídos e não Incluídos no Mercado de Trabalho”. Revista saúde e sociedade, v.18, n.4, p.652-661, São Paulo. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v18n4/09.pdf>. Acessado em 25.09.18

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE (2010). “Brasil tem mais de 270 mil pessoas com Síndrome de Down”. Disponível em <http://visaodovale.com.br/brasil-tem-mais-de-270-mil-pessoas-com-sindrome-de-down/> Acessado em maio de 2018.

KNELLER, George Frederick (1978). *Arte e ciência da criatividade*. 17ed. São Paulo: Ibrasa.

MOREIRA, Lília MA; EL-HANIB, Charbel N; GUSMÃO, Fábio AF. (2000). “A síndrome de Down e sua patogênese: considerações sobre o determinismo genético”. Rev. Bras Psiquiatria 2000; 22(2):96-9. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v22n2/a11v22n2.pdf> Acessado em 18.10.18

PEIXOTO, Fernando (2007). *O que é teatro?* Vol. X. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense

READ, Herbert (1968). *Arte e Alienação*. Trad. Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

SACHETE, Andréia dos Santos e BRISOLARA, Valéria Silveira (2013). “Análise Vigotskyana do filme *O enigma de Kaspar Hauser*”. Revista Signo v. 38, n. 65, p. 114-124. Santa Cruz do Sul. Disponível em <file:///C:/Users/Claudia/Downloads/4180-18939-1-PB.pdf> Acessado em

SOLOMON, Andrew (2013). *Longe da árvore – Pais, filhos e a busca da identidade*. Trad. Donalson M. Garschagen, Luís A. de Araújo, Pedro Maia Soares. São Paulo: Cia das Letras.

ZANIN, Vilma Pereira Martins. Arte e Educação: um encontro possível. Revista Científica da Universidade do Oeste Paulista – Unioeste. Disponível em: [http://www.arteducacao.pro.br/artigos/arte\\_e\\_educacao.htm](http://www.arteducacao.pro.br/artigos/arte_e_educacao.htm) Acessado em: 20/10/2013

## **FILMES**

MACHLINE, Paulo (2016). *O Filho eterno*. Brasil, Globo Filmes.

HERZOG, Werner (1974). *O Enigma de Kaspar Hauser*. Alemanha.

**Anexo**

**Termos de Consentimento dos entrevistados**